

3

Cruzada São Sebastião e Leblon: interpretações

Abordaremos primeiramente a história do órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro de nome Cruzada São Sebastião, criado por Dom Helder Câmara nos anos de 1950 em contexto social e político que deu lugar à busca de soluções para o problema favela pelo Estado e também pela Igreja Católica. Serão apresentadas as etapas do processo de idealização do conjunto habitacional no Leblon, sua construção, passando ainda pelos procedimentos de seleção de moradores e pela polêmica da propriedade dos apartamentos. A análise de pesquisas acadêmicas foi fundamental para a elaboração desta seção.

Em seguida, traremos as entrevistas realizadas com o antigo morador da Cruzada; o presidente da Associação de Moradores do Bairro de São Sebastião (Amorabase); e o corretor imobiliário. O material da imprensa também será analisado mais adiante. Na seqüência, em um capítulo à parte, os resultados do quinto intérprete, as professoras da Escola Santos Anjos.

3.1.

Cruzada São Sebastião

Como se viu no capítulo anterior a favela, nascida no Rio de Janeiro e acomodada muitas vezes em bairros abastados, transformou-se em problema somente a partir dos anos de 1940, quando passa a receber especial atenção do poder público. Paralela às iniciativas dos governos federal e municipal, como a experiência dos parques proletários, a Arquidiocese do Rio de Janeiro também se viu sensibilizada e mobilizada pelo tema da favela, principalmente diante da possibilidade de transformação dos *favelados* em atores políticos. “O impulso organizativo dos excluídos foi suficiente para despertar nos setores conservadores da cidade o velho temor da sedição, mais tarde traduzido no *slogan* ‘é necessário subir o morro antes que os comunistas desçam’” (BURGOS, 1998:29).

Nesta esteira, em 1946 foi criada a Fundação Leão XIII, no intuito de fazer frente à política do Estado Novo, voltando-se para a “cristianização das massas”. Entre 1947 e 1954, a Leão XIII esteve presente em 34 favelas, disponibilizando a algumas serviços de fornecimento de água, esgoto, luz e redes viárias. Em oito das maiores favelas cariocas, a instituição estabeleceu núcleos de trabalho (VALLADARES, 2005b; BURGOS, 1998). Entre elas a Praia do Pinto¹, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas e do Jardim de Alah, que já sediava o Parque Proletário do Leblon. Nela, em 1947 foi construída a Agência Social Provisória Ana Néri (APSI), por meio da qual “duas assistentes sociais e quatro visitadoras realizavam, junto à população, os seus trabalhos de ‘recuperação do homem da favela.’” (SIMÕES, 2008:168)

Na década de 1950, uma outra corrente da Igreja considerada como uma linha mais à esquerda e capitaneada pelo então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, foi a chamada Cruzada São Sebastião, cuja inspiração surgiu no 36º Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro, em julho de 1955. O órgão tinha por objetivo o audacioso plano de urbanizar todas as favelas da cidade em 12 anos, mantendo os habitantes próximos às suas moradias e desenvolvendo “uma ação educativa de humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica” (SLOB, 2002:27). Diferentemente da Fundação Leão XIII, buscava reunir de forma mais concreta urbanização e pedagogia cristã (BURGOS, 1998).

O primeiro e maior empreendimento da Cruzada São Sebastião foi justamente a construção do conjunto habitacional popular Cruzada São Sebastião do Leblon ou Bairro São Sebastião, iniciada em ritmo acelerado no mês de novembro de 1955, apenas quatro meses após o Congresso Eucarístico Internacional. A pressa parecia justificável: o Rio de Janeiro, a esta época,

¹ “A favela imensa que se encontrava em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, com acesso pela rua Humberto de Campos, nunca tivera apenas um nome. Até 1942, ela constituía um conjunto de três favelas: a Praia do Pinto, a Cidade Maravilhosa e o Largo da Memória. Neste ano, 800 casebres na Cidade Maravilhosa, no Largo da Memória e apenas alguns na Praia do Pinto foram demolidos e seus moradores foram transferidos para o parque proletário provisório da Gávea, conhecido como parque proletário número 1. (...) O conjunto de favelas alcançou seu auge de crescimento nos anos 30 e 40, por causa da construção do Jockey Clube e do *boom* do mercado de bens imobiliários no Leblon nos anos 20, o qual gerara muitos empregos na construção civil. Além do mais, a extensão da linha de ônibus Jardim-Leblon até a Lagoa Rodrigo de Freitas fez com que os moradores das três favelas pudessem trabalhar em quase todos os lugares da Zona Sul.” (SLOB, 2002:59).

registrava em torno de 150 favelas. A ideia era transferir, mediante certos critérios, moradores da mencionada favela da Praia do Pinto e também da Ilha das Dragas, de menor porte e também às margens da Lagoa, para prédios de apartamentos.

Na Praia do Pinto, também conhecida como “República do Mengo”²,

palafitas avançavam em dédalo por sobre as águas da lagoa, circundando, junto com outras favelas, quase todo o seu espelho. Sem saneamento, sem luz, sem água, as famílias ali se distribuían em barracos de madeira com telhados de zinco, em espaços exíguos mas suficientes para manterem porcos e galinhas, vez por outra uma cabra e cachorros. (SIMÕES, 2008:164-165)

A escolha desta favela como ponto de partida para o trabalho da Cruzada São Sebastião não se deu ao acaso. Era lá, conforme citado, que a Fundação Leão XIII, que se tornaria parceira da empreitada de Dom Helder, mantinha uma Agência Social Provisória, além de extenso acervo de documentos e relatórios descritivos sobre os barracos e o cotidiano dos moradores. Mais que isso: muito próximo à Praia do Pinto, no Leblon, havia um terreno desocupado e de propriedade da prefeitura do Distrito Federal, área na qual se depositavam entulhos das construções realizadas nos arredores. Por meio de contrato de cessão do terreno, o espaço foi disponibilizado para o início das obras.

Fundamental também foi o apoio do governo federal, à época sob a presidência de João Fernandes Café Filho. A doação do montante de Cr\$50 milhões por parte do Estado permitiu que a construção do conjunto deslanchasse em curto prazo, conforme o acordado. Importa ressaltar que, além do conjunto residencial, a Cruzada São Sebastião criou também o Banco da Providência, a Feira da Providência e o Mercado São Sebastião, mercado de alimentos na

² O nome de “República do Mengo” muito provavelmente faz referência à proximidade física entre a Praia do Pinto e a sede do Clube de Regatas do Flamengo, na Gávea.

“No entorno da lagoa havia, portanto, uma contigüidade de pequenas *repúblicas*. Talvez se tratasse de uma época em que os lugares aonde vagabundos, gatunos, malandros e toda a escória de moral duvidosa iam se homiziar recebessem o título de república, fosse por uma percepção de segregação social – ou moral – na cidade, fosse, ainda, por uma vontade de distinção, de separação, resultante de uma percepção sugestiva de que a cidade comportava, em seu interior, cidadelas autônomas. Ademais, poder-se-ia dizer que, nestas repúblicas existentes na capital da República, a população diferenciava-se pelo tratamento que lhe dispensavam as instituições do governo. Fato é que, no Leblon, a Praia do Pinto era também a República do Mengo, do mesmo modo como, na mesma época, na Cidade Nova dera-se o nome de República do Mangue ao casario que se distribuía nas proximidades do canal, abrigando, em seus sobrados, numerosas casas de tolerância.” (SIMÕES, 2008:164-165).

Avenida Brasil, a pretexto de darem suporte financeiro às obras de urbanização pretendidas.

Em carta enviada em 1998 à paróquia Santos Anjos, no Leblon, o bispo, que completaria 100 anos em 2009, mencionou as razões que o levaram a idealizar o Bairro de São Sebastião:

Em 1955, era então Bispo Auxiliar desta Arquidiocese, quando a cidade do Rio de Janeiro foi sede do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado com extraordinário sucesso. A preparação cuidadosa desse magnífico evento nos levou a tomar consciência de uma realidade inquietante: o problema das favelas. O contraste entre as condições de vida na favela e a dos moradores ricos dos bairros era evidente. Impunha-se o desafio de enfrentar as necessidades imediatas de uma população miserável e faminta. Este foi um momento de virada na minha vida. Todo o dom que o Senhor me deu, coloquei a serviço dos Pobres. Com o objetivo de dar solução humana e cristã ao problema das favelas da cidade elaboramos um ousado projeto: os moradores seriam transferidos para prédios de apartamentos. Acreditamos que seria possível superar a luta de classes, aproximando-as, fazendo com que os pobres continuassem perto dos ricos, através da sensibilização dos moradores. (SLOB, 2002:40-41)

Menos de dois anos após sua idealização, em 20 de janeiro de 1957, dia de São Sebastião, santo padroeiro do Rio de Janeiro, o conjunto habitacional foi inaugurado oficialmente com o primeiro bloco construído, o bloco A, que já tinha seus cento e quarenta e quatro apartamentos ocupados naquela data. O operador de gás Omar Cardoso e sua família, composta de esposa e um filho pequeno, foram os primeiros moradores do bloco, situado em frente ao Jardim de Alah, na Avenida Borges de Medeiros. Assim como os outros dois seguintes, o prédio era formado por unidades conjugadas de 15 metros quadrados. “Todas elas possuíam um banheiro com um tanque, uma ducha e um vaso sanitário, e uma pequena cozinha equipada com um fogão a gás de duas bocas, aparelhos inexistentes nas casas da favela.” (SIMÕES, 2008:176)

Em entrevistas à imprensa, Dom Helder fazia questão de reafirmar “às famílias da classe média e burguesa do Leblon” seu compromisso em fornecer garantias quanto à idoneidade das pessoas que ocupariam a Cruzada.

Malandro não morará no Bairro de São Sebastião. Procedemos a uma seleção rigorosa, contando com a valiosa cooperação de militares e senhoras da nossa sociedade. Além da seleção, há fichas preenchidas pelos favelados, com seus retratos e impressões digitais. Malandro nenhum iria passar por tal. Ademais, malandro não mora em favela. É o malfeitor que rouba, assalta e foge da polícia que depois se homizia na favela (O Globo, 29 dezembro 1956). (SIMÕES,

2008:175)

A cada semana, com a inauguração dos primeiros blocos, 12 famílias eram transferidas da favela para o Bairro de São Sebastião. E à medida que ocupavam os apartamentos, os respectivos barracos eram demolidos no intuito de que se evitassem novas instalações. As mudanças eram feitas sobretudo à noite. Muitos moradores sentiam-se constrangidos por terem seus poucos pertences, em geral velhos e humildes, expostos à luz do dia sobre o tablado de madeira montado em frente à Igreja Santos Anjos, a primeira construção do conjunto habitacional. Realizando a mudança durante a noite eles evitavam, assim, olhares de seus vizinhos da Praia do Pinto e dos demais vizinhos do Leblon (SIMÕES, 2008; SLOB, 2002).

A Cruzada, com seus dez blocos de prédios, ficou inteiramente pronta com o término das três últimas unidades em 1962. A iniciativa de Dom Helder constituiu uma inédita experiência, no curso das soluções voltadas à favela, de defesa do direito do trabalhador em permanecer próximo a seu local de trabalho, em moradias permanentes, desfrutando de serviços urbanos não disponíveis nas periferias distantes do centro da cidade (VALLADARES, 2005b; SIMÕES, 2008). As favelas da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas, no entanto, mantinham-se logo ao lado.

3.1.1

Erradicação de favelas e a Praia do Pinto

A expectativa da política da Cruzada São Sebastião era de que fizesse frente ao programa de erradicação de favelas que estava sendo delineado pelo governo da Guanabara em consórcio com o governo federal naquele período - o que não ocorreu. Em cinco anos, entre 1955 e 1960, a considerar seu propósito original, a Cruzada São Sebastião beneficiou somente 12 favelas com a oferta de melhores serviços básicos, executou 51 projetos de sistemas de iluminação, assim como urbanizou partes das favelas do Morro Azul e Parque Alegria. Na década de 1960, Dom Helder foi transferido para o Recife, onde viveu até sua morte em 1999.

Foi na mesma década de 1960, particularmente conturbada para o Rio de Janeiro, que a cidade deixou de ser capital do país, tornando-se Estado da Guanabara com a inauguração de Brasília. Entre esses anos e meados dos anos de 1970, a política de erradicação de favelas foi instaurada, perpassando três governos estaduais em sequência: Carlos Lacerda (1960-1965), Negrão de Lima (1965-1970) e Chagas Freitas (1971-1975). A favela, de problema moral, transforma-se em problema político, especialmente em período de ditadura militar, a partir de 1964.³

A prioridade do programa eram os aglomerados populares instalados em bairros da Zona Sul da cidade, como o Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas, sendo a última o bairro que reunia maior número de favelas ainda em 1970. Mesmo após a extinção de algumas, a Lagoa concentrava dez das 27 existentes nos arredores.

Da favela da Catacumba foram removidos cerca de doze mil moradores; da pequena Jôquei Clube, cerca de duzentos moradores; da favela Rio Rainha, duzentos habitantes; da Alto Solar, seiscentos; da Macedo Sobrinho, quatro mil; da Ilha das Dragas, mil e oitocentos moradores; por fim, da Praia do Pinto, pouco mais de sete mil pessoas. (LEEDS & LEEDS, 1978, apud SIMÕES, 2008:152)

As famílias eram transferidas para conjuntos habitacionais em periferias, construídos pelo órgão Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara, a Cohab⁴. Os moradores da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas não selecionados para a Cruzada São Sebastião foram deslocados para os conjuntos Cidade Alta, em Cordovil, e Nova Holanda, em Bonsucesso, ambos bairros da região norte da cidade; e Cidade de Deus, em Jacarepaguá, na Zona Oeste. Os três foram inaugurados em 1960, 1963, 1966, respectivamente. Como é possível imaginar, a Cruzada não tinha capacidade para abrigar aquelas quase nove mil pessoas, já que comportava, no máximo, quatro mil. Mais conjuntos foram construídos em periferias distantes do centro como Vila Aliança, Vila Esperança e Vila Kennedy, em Bangu, todos na Zona Oeste. Entre 1968 e 1975, sessenta

³ Burgos, no artigo “Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro”, conclui que a interrupção, pelo regime militar, da luta democratizante desenvolvida por organizações de favelas entre os anos de 1950 e início dos anos de 1960 é obstáculo central à resolução do “problema” favela. (1998:25-60).

⁴ Para mais informações, Cf. LEEDS & LEEDS, 1978.

favelas foram erradicadas, deslocando cerca de 100 mil pessoas (BURGOS, 1998:38).

Mesmo tendo parte de sua população deslocada para a Cruzada São Sebastião e outra parte transferida para demais conjuntos habitacionais, a Praia do Pinto se manteve, a exemplo de outras favelas no Rio de Janeiro, principalmente em face da grande resistência dos moradores em abandoná-las durante o processo de erradicação⁵. “É preciso levá-la em conta se se quer entender como foi possível a permanência de 52 favelas em bairros tipicamente ocupados pelos setores médio e alto da sociedade carioca, como Copacabana e Tijuca, entre outros”, segundo Burgos (1998:37).

Era na Praia do Pinto, inclusive, que muitos moradores da Cruzada passavam o dia, retornando a seus apartamentos à noite (SIMÕES, 2008). A favela resistiu até o grande incêndio na madrugada de 10 de maio de 1969. O “acidente”, como dizem uns, ou o “crime”, como afirmam outros, tomou proporções alarmantes e trágicas, demandando 200 bombeiros para conter o fogo, debelado somente na manhã seguinte. Naquele terreno, foi erguido, ainda no início dos anos de 1970, o condomínio de prédios Selva de Pedra, como ficou conhecido.⁶

3.1.2

Planejamento, seleção de moradores e propriedade

O conjunto habitacional Cruzada São Sebastião previu a construção de uma igreja, uma escola⁷, um centro social, um mercado, e dez blocos de prédios com sete andares cada, sem elevadores. No total, somavam 910 apartamentos entre quitinetes, sala e quarto e sala e dois quartos, com áreas variando de 15 metros

⁵ Para saber mais sobre esta questão, Cf. VALLADARES, 1978.

⁶ O nome Selva de Pedra foi inspirado em uma novela das oito da Rede Globo de Televisão veiculada em 1972. Originalmente denominado projeto Praia do Pinto e voltado para a classe média, o condomínio contempla 40 prédios de 13 a 17 andares, com 2.251 apartamentos. Ele “viria a ser um dos maiores exemplos desta política pública de ‘renovação urbana’, coetânea da política de erradicação de favelas e beneficiada pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), órgão criado pelo governo federal, na década de 1960, para financiar também as obras previstas no âmbito da política de remoções.” (SIMÕES, 2008:15).

Sobre o condomínio Selva de Pedra e sua relação com a Cruzada São Sebastião, Cf. MELLO, 2001:223.

⁷ A Escola Santos Anjos, sobre a qual falaremos no próximo capítulo.

quadrados a 36 metros quadrados. No quarto andar de cada um dos prédios, uma passarela faria a conexão entre eles. Seguindo uma tendência arquitetônica inovadora no que diz respeito à habitação popular, diferente das casas dos parques proletários, o projeto da Cruzada teve inspiração na arquitetura européia dos anos de 1920, especialmente no trabalho de Le Corbusier (SLOB, 2002).

Importa-nos mencionar o processo de seleção dos que seriam os futuros moradores da Cruzada, realizado por assistentes sociais da Fundação Leão XIII. Abaixo, alguns dos critérios que deveriam ser seguidos para a obtenção de um apartamento no conjunto. Era preciso

residir a família na favela pelo menos há quatro anos (época do último levantamento feito); ser realmente pobre, isto é, impossibilitada de alugar ou adquirir morada fora da favela; estar legalmente constituída, ou, pelo menos, enquadrada na moral natural e com alguma prole; não possuir membros marginais. (SLOB, 2002:78)

Conforme Slob e Simões, muitos casais já constituídos agendaram seus casamentos a fim de aumentar as chances de concorrer por um apartamento diante da exigência da legalização do matrimônio. O próprio Dom Helder Câmara celebrou casamentos coletivos na Igreja Santos Anjos antes do término das obras. E à medida que eram selecionadas, as famílias eram convocadas para uma primeira reunião com o bispo, que dava mais explicações sobre o contrato que seria firmado.

O acompanhamento das famílias pela Fundação Leão XIII se mantinha mesmo após a seleção. O descumprimento de qualquer uma das regras estabelecidas para a obtenção do imóvel era motivo de uma nova análise sobre as condições de determinadas famílias em assumir o compromisso de “mudar de estilo de vida”. A incerteza, assim, permeava o cotidiano dos candidatos ao apartamento, que não podiam descuidar de suas condutas. Um exemplo é de uma moradora da Praia do Pinto que ainda não tinha certeza de seu direito ao apartamento, apesar de ter participado da primeira reunião com Dom Helder Câmara.

26/10/957 – Veio ao nosso Serviço Social a D.Castorina para saber o que queríamos com ela. Então fizemos vê-la a ela que tivemos informação de que o Sr. David continuava a beber água ardente, então ela me disse que ele não está bebendo mais e quando isto fazia não incomodava na rua nem em casa, que podíamos estar tranquilas que não teríamos de que nos arrepender em mandá-los

para o apartamento. Logo que eles estejam no apartamento irão buscar as crianças que estão na casa da avó paterna, isto porque depois do primeiro incêndio que eles foram para o alojamento não era possível trazê-los para a companhia d'eles. (SIMÕES, 2008:184)

Dois dias depois da convocação, o casal pôde se mudar:

28/10/957 – Mudou-se hoje para o apartamento 610 do segundo bloco B, da Cruzada São Sebastião o Sr. David e sua esposa D.Castorina com seus filhos. (2008:184)

Do contrato de transferência do apartamento constava um regimento interno ao conjunto habitacional, que dizia respeito tanto à estrutura administrativa quanto ao tipo de comportamento que deveria ser observado pelos moradores.

O Bairro de São Sebastião seria administrado por um Conselho de Moradores, eleito por um ano, composto de um representante por bloco e presidido por um representante da Cruzada São Sebastião, que teria voto de desempate. Os representantes de cada bloco seriam eleitos através de votações democráticas, cabendo a cada apartamento um voto. (...) A Cruzada proibia reuniões políticas, despejo de lixo pelas janelas e barulho depois das 22 horas no Bairro de São Sebastião. Também deveria se evitar estender roupas nas janelas e furar a parede com pregos. (SLOB, 2002:79-80)

Ainda sobre o contrato, a questão da propriedade dos apartamentos veio, com o passar dos anos, a constituir polêmica. Conforme o documento, os moradores da Cruzada São Sebastião só seriam proprietários após a quitação de 180 prestações mensais de até 15% do salário mínimo, variando de acordo com o tamanho de seus imóveis - o que levaria ao menos 15 anos. Porém, mesmo quitado o imóvel, passado este período, o morador ainda não tinha o direito à escritura do apartamento, já que o terreno onde está situado o conjunto ainda pertencia à prefeitura. Após muitos problemas, indefinições, pedidos e ameaças de “remoção”, principalmente por parte da vizinhança e também da polícia⁸, o imbróglio foi resolvido no governo Leonel Brizola em 1983, a partir do programa de regularização fundiária “Cada família, um lote”.

⁸ Sobre esta polêmica e os pedidos de remoção da Cruzada São Sebastião, veremos no item “Cruzada na Imprensa”.

3.1.3.

Conjunto e bairro: fronteira e estigmatização

Até aqui vimos, em linhas gerais, o processo de constituição do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião no bairro do Leblon. A fim de conhecermos sobre a atual composição populacional da Cruzada e seu perfil social, econômico e educacional, vale a pena trazer dados do primeiro censo lá realizado pelo Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2006.

De acordo com o estudo, no conjunto habitacional popular moravam 2.235 pessoas em 715 apartamentos visitados, o que equivale à amostra de 73% do total estimado da população ⁹, que seria de 3.061 pessoas. Dos imóveis recenseados, 78% eram próprios; 17%, alugados; 2%, cedidos. Oitenta por cento dos entrevistados eram adultos, correspondente a 1785 pessoas, sendo a maioria do gênero feminino, com 56%, contra 44% do gênero masculino.

Aqueles com idade menor ou igual a 20 anos correspondiam a 13% do total de habitantes recenseados. A maior concentração etária esteve nas faixas entre 21 e 39 anos, com 34% (17% entre 21 e 29 anos e 17% entre 30 e 39 anos); e entre 40 e 59 anos, com 33% (18% entre 40 e 49 anos e 15% entre 50 e 59 anos). Oito por cento tinham entre 60 e 69 anos; 9%, entre 70 e 79 anos; e 3%, com idade maior ou igual a 80 anos.

No que diz respeito à educação, a maior parte dos entrevistados – 675 pessoas (38%) – integrava a faixa de instrução correspondente a “analfabetos a ensino fundamental incompleto”. No grupo “ensino fundamental completo a médio incompleto” encontraram-se 567 pessoas (32%), enquanto 479 moradores (27%) faziam parte da faixa “ensino médio completo a superior incompleto”. Sessenta e quatro das pessoas recenseadas (3%) haviam completado o nível superior de ensino.

⁹ O presidente da associação de moradores da Cruzada, que nos forneceu os dados do Censo da PUC-Rio, acredita que lá habitam entre cinco a seis mil pessoas. Sobre este censo, 19% dos responsáveis pelos apartamentos não responderam e 8% dos imóveis estavam vazios. É importante também registrar que o Instituto Pereira Passos, baseado no censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta dados a respeito da Cruzada São Sebastião. Mas o censo da PUC-Rio, apesar de não disponibilizar muitos dados, mostrou-se mais consistente por focar exclusivamente no conjunto habitacional e por isso preferimos adotá-lo como referência. Para obter informações sobre os dados do Instituto Pereira Passos, cf. Sistema Morei in <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/morei9100/default.htm>

Entre os moradores economicamente ativos, quase a metade - 48% - tem carteira de trabalho assinada. O percentual de autônomos e de trabalhadores do mercado informal foi o mesmo, com 21% cada, somando 42%, enquanto 10% revelaram-se funcionários públicos. Daqueles que estão fora do mercado, 48% era aposentado; 24%, pensionista; e, finalmente, 29% disseram não trabalhar. É preciso dizer que não dispomos do número de moradores adultos que trabalham e também dos que não trabalham; somente os percentuais.

A partir dessas informações, na tentativa de traçar um perfil populacional, notou-se que a maioria dos apartamentos na Cruzada é próprio; e do total de recenseados, 67% tem entre 21 e 49 anos.¹⁰ Ou seja, não se trata exatamente de população muito jovem. À medida que o grau de escolaridade aumenta, há diminuição na concentração de moradores por faixas de instrução – apenas 3% concluíram curso superior de ensino, enquanto 70% classificaram seu grau de instrução entre analfabeto a ensino médio incompleto. O que nos permite imaginar que boa parte dos moradores inseridos no mercado de trabalho exerça serviços que exigem baixa qualificação.

Entre os economicamente ativos, 48% afirmaram ter estabilidade quanto à ocupação, contando com direitos trabalhistas, paralelamente ao elevado índice de trabalhadores informais e autônomos, de 42%. Se, entre os habitantes que estão fora do mercado de trabalho, quase a metade é de aposentados, 29% disseram não trabalhar. O censo não apresenta mais detalhes sobre este índice, podendo incluir donas de casa, por exemplo, e também desempregados.

Composta por população social e economicamente distinta daquela que veio a ocupar o Leblon¹¹, a Cruzada “resiste” há exatos 53 anos a despeito do incômodo manifestado em alto e bom som pela vizinhança durante este período. Os clubes Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), Caiçaras, Monte Líbano e Paissandu¹², já existentes quando da inauguração do conjunto habitacional em 1957, argumentavam naquele mesmo ano “que o bairro se transformaria

¹⁰ Sendo os demais 33% distribuídos entre aqueles com idade menor ou igual a 20 anos (13%) e entre 60 e 80 anos ou mais de 80 anos (18%).

¹¹ Dados sobre o bairro do Leblon e sua composição populacional serão apresentados na seção sobre o mercado imobiliário.

¹² Quanto ao clube Paissandu, por exemplo, para tornar-se sócio é preciso adquirir um “prêmio” ou uma “joia” cujo valor em 2010 é de, em média, R\$20.000. A mensalidade, no caso de uma família de três pessoas, corresponde a cerca de R\$250,00. Já em relação ao clube Caiçaras, uma família de quatro pessoas paga R\$320,00 por mês para usufruir de suas dependências. Lembramos que o salário mínimo em 2010 é de R\$510,00.

rapidamente numa favela”¹³ e pediam pelo seu fim. No final dos anos de 1970, segundo Slob, moradores dos prédios vizinhos à Cruzada realizavam várias campanhas em favor da transferência dos habitantes do conjunto, sob a alegação de que vinham sofrendo constantes assaltos nas redondezas.

A Sociedade dos Amigos da Lagoa Rodrigo de Freitas em 1978 organizou uma ‘campanha para conscientizar o governo da necessidade de remover os quase cinco mil moradores da Cruzada São Sebastião, no Jardim de Alá, para outro local’. Segundo o então presidente da Sociedade, Celso Azambuja, não era justo que o governo gastasse dinheiro com obras de urbanização e conservação e deixasse que uma ‘favela’ permanecesse ali. (2002:115)

Cercada - e também, de certo modo, comprimida – pelos mesmos clubes, por mais prédios, condomínios e shopping centers voltados às classes média e alta, a Cruzada ainda nos dias de hoje é vítima de violência simbólica, conforme nos mostra Simões (2008). Em uma discussão lançada na rede social Orkut em junho de 2007 a respeito do que os participantes do fórum, moradores do Leblon, desejariam “tirar do bairro”, o conjunto habitacional logo apareceu como tópico.

‘O que eu mais odeio no Leblon: o Jardim de Alah dava tudo para ser um ótimo lugar, mas é um lixo’.

‘CRUZADA SÃO SEBASTIÃO... So (sic) napalm 14 resolve galera’.

Anônimo: 3 coisas principais: Cruzada S. Sebastião, Vidigal e a falta de educação generalizada das pessoas que tornam as ruas imundas.

Adriano, morador do Leblon: O crescimento de mendigos na praça gen urquiza, a especulação imobiliária q ta cada vez fazendo mais prédios, a cruzada (claro...).

Miguel, morador do Leblon: Poluição visual: A Cruzada São Sebastião. (2008:321-324)

No mesmo fórum da rede social, como um resumo das sugestões dos internautas sobre o que excluir do bairro, foram elencados o que seriam os cinco principais problemas do Leblon.

¹³ *Uma Cruzada e um paladino*. Revista Visão, 27 dez. 1957 (SLOB, 2002:47).

¹⁴ De acordo com o Dicionário Michaelis Online, “napalm é agente gelificante que consiste numa mistura de sabões de alumínio e é usado na gelatinização de gasolina, especialmente em bombas incendiárias e lança-chamas.” Criada nos Estados Unidos na década de 1940, a bomba de napalm foi lançada sobre o Japão durante a Segunda Guerra Mundial, bem como sobre o exército vietnamita durante a guerra do Vietnã, nos anos de 1960.

*Em suma, os 5 principais problemas do nosso bairro são:
 Pedintes/Mendigos/Meninos de Rua – 12
 Scala – 10
 Cruzada – 10
 Sujeira – 4
 Excesso de ônibus – 4 (SIMÕES, 2008:326)*

Segregação e estigmatização dão sinais claros de permanência, especialmente em uma cidade em que a proximidade espacial com a pobreza geralmente está relacionada ao sentimento de insegurança pública. Como sugerem os depoimentos acima, de indivíduos que se dizem moradores do Leblon, o tempo parece não ter apagado a sensação de que a Cruzada não deveria estar ali. A pesquisa empírica, porém, permitirá matizar essa percepção, “de fora” do conjunto, apresentando perspectivas “de dentro”.

3.2.

O antigo morador

O Orkut tornou-se fonte de pesquisa para o presente estudo. Decidida a checar a representatividade do conjunto habitacional naquele site, por meio da investigação das comunidades ¹⁵ referidas a ele, encontrei quatro. Em uma delas, que apresentou maior participação e trocas entre os internautas, avistei um tópico relacionado a fotos da Cruzada, que me levou ao perfil de José ¹⁶, antigo morador do conjunto. Em sua página, encontrei imagens antigas do Jardim de Alah, da praça Paul Claudel, em que estava fazendo observações naquele momento, e também de uma Cruzada ainda recém construída.

Fui surpreendida ao verificar que aquele internauta, até então desconhecido, havia deixado um recado em minha página pessoal. Dizia ter percebido minha passagem por seu perfil e, como não havia deixado um

¹⁵ Comunidade é o nome que se deu aos fóruns de debate sobre temas os mais diversos no Orkut. Qualquer usuário com uma conta na rede social pode criar uma comunidade sobre qualquer tema, e participar de uma. Em março de 2008, somavam 47.092.584. Fonte: Wikipédia, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

¹⁶ Optou-se pela utilização de nome fictício, a fim de preservar a real identidade do informante.

comentário, gostaria de saber em que poderia me ser útil ¹⁷. Respondi a ele que havia me interessado por suas fotos devido à pesquisa que estava desenvolvendo e que, por isso, gostaria de manter contato, se possível fosse. José se mostrou muito solícito e disponibilizou suas imagens.



Figura 1. Os prédios da Cruzada vistos da praça Paul Claudel por volta dos anos de 1960. Foto gentilmente cedida por José.

Aquele primeiro contato deu origem a um encontro em novembro de 2009 no Jardim de Alah. José, que dizia não ir ao Leblon há quase dez anos, gentilmente levou até mim aquelas mesmas imagens e mais outras. Em 1957, ainda bebê, ele e sua família – mãe, pai e uma irmã – foram transferidos da Praia do Pinto para morar em um apartamento de quarto e sala no quarto bloco. De lá saiu aos 15 anos, quando ingressou no Colégio Militar e depois no Exército. Deixou a Cruzada definitivamente em 1978 a fim de servir à Aeronáutica. Hoje, mora em Santa Cruz e o apartamento no conjunto foi vendido.

Sobre a relação entre o conjunto habitacional e o Leblon, José afirmou que “em seu tempo” era boa. Já hoje ele acredita ser diferente. A Cruzada teria se tornado um lugar perigoso e identificado a partir dessa percepção por aqueles que não moram lá. Como ele próprio.

¹⁷ Este é um recurso disponível para os usuários do Orkut. Por meio dele, é possível saber quem acessou sua página pessoal e entrar em contato com a pessoa ou mesmo acessá-la também.

A gente era aceito. (...) Cansei de fazer amigo, cansei de subir o Jornalistas 18 aí, pra almoçar na casa de colegas... Visconde de Pirajá, Ataulfo de Paiva. Tinha amigos aí. Eram colegas de praia, a gente jogava bola, tinha sempre uma turminha de praia, a gente fazia amizade. (...) A gente passava por dentro (dos Jornalistas). Tinha uma padaria ali, nem sei se ainda existe.

Hoje tá cercado, o pessoal tem medo. Se sai três ou quatro pessoas daqui de dentro, da Cruzada, você já fica assustado. E antigamente não tinha isso... Eu cansei de sair de sunga pra praia. Hoje o pessoal fica com medo.

“Sentiu o cheiro?”, perguntou-me. Estávamos sentados em um banco na praça próximo a um grupo de jovens que jogava cartas e consumia maconha. O vai-e-vem de rapazes em bicicletas sugeria a existência de um pequeno comércio de drogas.

Você vê o ambiente, eles não respeitam! (sobre os rapazes da praça). Essa falta de respeito que eu acho que prevalece ali dentro (da Cruzada). Porque antigamente, não. Minha mãe deixava a porta aberta, deixava a roupa no varal, a gente saía de noite aqui dentro, tinha brincadeira.

(...) Minha primeira namorada, aquele namoro sem maldade... A gente ficava aqui na praça, paquerando... Hoje não existe isso. Meus amigos me encarnam à beça, ‘ah, você é saudosista!’.

(...) Vim tirando foto aqui apreensivo; prestando atenção em quem tá indo, quem tá vindo, tomando conta, olhando, entendeu? Minha irmã falou que eu posso entrar lá (na Cruzada), alguém vai me conhecer, não precisa ter medo, não. Mas eu me sinto com medo. Eu não vim com a minha máquina profissional. Vim com essa porque se eu perder, tô perdendo 400 reais. Tira fotos boas, mas não é a máquina que eu gostaria de estar aqui.

Marcadamente, há na fala de José uma divisão temporal quando se refere à Cruzada São Sebastião: um passado e um presente. Nota-se a nostalgia de um tempo que se foi e não mais retornará, sobre o qual a memória é quase pueril. Isso até os anos de 1970, quando perdeu amigos em consequência do consumo abusivo de drogas. É no fim desta década que José deixa a Cruzada, que naquele momento passou a ser um lugar onde “não havia mais ambiente” para ele.

O fato de ser um antigo morador do conjunto habitacional não pode ser desprezado. José esteve dentro, no entanto revelou ver e pensar a Cruzada da

¹⁸ O entrevistado refere-se ao Conjunto dos Jornalistas, condomínio de classe média vizinho à Cruzada São Sebastião. Tem três edifícios de 15 andares, possuindo ao todo 420 unidades. “O Conjunto dos Jornalistas resultou de um acordo feito entre o sindicato dos jornalistas e o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC) em 1951.” Hoje se chama Condomínio Jardim de Alah (SIMÕES, 2008:13-14).

perspectiva de quem está fora dela, praticando uma espécie de distinção social. Ele morou em *outra* Cruzada, simbolicamente positiva, na qual havia harmonia, não aconteciam roubos, não havia violência nem muros separando-a dos demais prédios da região. Havia zonas de contato entre os moradores do bairro e do conjunto, dando indícios de que este, no passado, era composto por pessoas de outra moral, de boa índole, educadas.

Mas *essa* Cruzada de hoje, distante e diferente da sua, é simbolicamente negativa. Para falar dela, recorre ao uso de estereótipos frequentemente concedidos a populações que habitam espaços estigmatizados. Por meio deles tenta caracterizar, ainda que de maneira pouco sistematizada, quem é o morador atual e o que imagina ser o dia a dia do conjunto. Algo próximo da representação acerca do ambiente da favela, apesar de não dizê-lo explicitamente.

José imagina que quem mora na Cruzada seja chamado de “marginal” nas redondezas e, por mais que sua irmã lhe diga que não há porque ter medo de entrar lá, afinal poderia ser reconhecido por antigos vizinhos e colegas, prefere evitar. Acredita que hoje reine a desarmonia entre os vizinhos, devido à falta de respeito e de educação. O comércio e o consumo de drogas parecem ser livres lá dentro, a exemplo do que viu no Jardim de Alah.

Também a “bagunça” de entulhos e montantes de papelão próximos ao acesso à Cruzada pela Avenida Borges de Medeiros, assim como a presença de comércio informal na “rua da Cruzada” são argumentos destacados por ele no sentido de indicar esse “novo” comportamento característico desta *outra* Cruzada, degradada por um tipo diferenciado de moradores, que parecem afeitos a atividades ilegais e à desordem.

Em suma, o depoimento de José, na condição de antigo morador da Cruzada São Sebastião, mostrou-nos sua preocupação com a sobreposição entre as ideias de favela, violência¹⁹, informalidade, de lugar produtor de comportamentos desviantes; tais conexões aparecem como que coladas à sua visão sobre a Cruzada atual. Sua fala aponta-nos seu esforço e desejo de distanciar-se, em um movimento de resistência a esse conjunto de imagens negativas, uma vez que já esteve inserido naquele espaço, onde viveu sua infância. A estratégia parece ser a

¹⁹ Ao me convidar para visitar sua casa e conhecer sua família em Santa Cruz, o informante fez questão de afirmar morar “longe de favelas ou milícias”, provavelmente para que eu não me preocupasse nem tivesse medo de ir a seu encontro.

de impedir que haja algum tipo de “confusão” que o associe, como antigo morador do conjunto, à sua representação sobre quem seria o morador de hoje em dia.

A ênfase nessa distinção entre passado e presente, “nós” e “eles”, indica uma tática de afastamento empreendida por José a fim de demonstrar que o seu passado, e também a relação entre a Cruzada e o Leblon naquele tempo são simbolicamente distintos. Seu passado seria um tempo lúdico de uma Cruzada pura, longe do estigma do lugar que hoje inspiraria cautela, e do qual emanaria medo e criminalidade.

(...) Porque você descia (do prédio), como está aqui (se refere aos rapazes vendendo maconha e consumindo)... Eu não vou descer ali pra bater papo. (...) Aí eu mesmo fui me excluindo, eu acho, né? Aí eu comecei a espaçar as visitas. Quando eu vinha pra casa dos meus pais, ficava dentro da casa dos meus pais. Eu não descia pra procurar ninguém.

3.3.

Amorabase: associação de moradores do Bairro São Sebastião

Sexta-feira pela manhã, fevereiro de 2010, véspera de carnaval. O movimento da folia pela cidade já se faz notar, ainda que timidamente. Na Cruzada São Sebastião, amigos batem papo sob os pilotis dos prédios, alguns passam em direção à Avenida Afrânio de Melo Franco. Procuro por um apartamento situado no oitavo bloco, sede da Associação de Moradores do Bairro de São Sebastião (Amorabase). Imediatamente me informam por onde subir as escadas até o segundo andar. “O presidente ²⁰ está ali”, aponta um rapaz para o corredor de onde pude avistá-lo.

Atravesso um portão que protege a entrada do prédio e subo quatro lances de escada. Após duas semanas na tentativa de agendar um horário para a entrevista, sou recebida pelo presidente, ao qual já havia sido apresentada pela diretora da escola Santos Anjos em outra ocasião, e também pela secretária da Amorabase. aguardo um pouco, a pedido dele, pela chegada de um dos moradores mais antigos da Cruzada, convocado para a conversa e que, não

²⁰ Optamos por não chamá-lo pelo nome, apenas pelo cargo que ocupa. Faremos o mesmo com relação à secretária da associação de moradores.

sabemos por quais motivos, não apareceu. Enquanto isso, aproveito para olhar pela janela, da qual era possível ver todos os corredores dos sete andares do sétimo bloco, além das instalações do clube AABB e, ao fundo, o monumento do Cristo Redentor.

Em um apartamento de sala, dois quartos, cozinha e banheiro, equipado com dois computadores, está instalada a sede da associação, que desde janeiro de 2009 é dirigida pelo presidente que entrevistamos. Naquele apartamento, antes da Amorabase ocorriam as atividades da organização não-governamental “Crescendo em graça” dirigida pelo mesmo presidente, originalmente pastor evangélico graduado em Teologia.

Sobre a relação entre a Cruzada e o Leblon, o presidente acredita hoje ser boa. E não só com o Leblon, mas também entre a “comunidade”, como se refere ao conjunto habitacional, e os bairros adjacentes como Ipanema e Gávea. Tem buscado formar parcerias, contando inclusive com o apoio de instituições educacionais como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e o colégio Pinheiro Guimarães. Segundo ele, a última gestão da Amorabase²¹ foi muito conturbada e uma de suas metas é recuperar a credibilidade da associação, fazendo dela uma representante da “comunidade” respeitada e conhecida não só internamente, mas também pelo poder público e pelo bairro.²²

Apesar da Cruzada já ter sido vista como um incômodo na vida dos moradores do Leblon, pelo fato de seus habitantes terem saído da favela e ficado no mesmo e “melhor lugar” há mais de 50 anos, na interpretação do presidente ainda hoje a representação do bairro e da cidade sobre o conjunto habitacional é negativa.

(...) Então o morador da Cruzada é conhecido no Leblon, era conhecido por Ipanema, pelos bairros adjacentes, de que eram ex-moradores, ex-favelados. É um gueto. A gente já escutou que é um câncer do Leblon, é um câncer no meio do

²¹ Segundo informação do próprio presidente da associação, a Amorabase é custeada integralmente pelo Shopping Leblon, com a verba mensal de R\$2.610,00, pouco mais de cinco salários-mínimos, sabendo ser o salário mínimo em 2010 de R\$510,00.

²² “Vale lembrar que a atuação dos dirigentes das organizações de base em favelas é marcada pelo duplo caráter de sua representação, envolvendo, como ressalta Machado da Silva (1967), de um lado, a mediação dos interesses e demandas dos moradores de favela ‘para fora’, isto é, dirigidas aos poderes externos, institucionais e políticos profissionais, e a articulação de ações coletivas no espaço público; de outro, as associações representam esses poderes e suas políticas nas favelas.” (LEITE, 2008: 132)

Leblon, aquela coisa toda. (...) E aí a Cruzada ela tem um estigma também, porque é ex-favelado. Agora mesmo eu tô mesmo muito triste. Tem gente que não conhece nem, não conhece do valor. (...) Aí veem assim a Cruzada; tipo um antro do tráfico, um antro de vagabundos. Ah, poxa! Outro dia mesmo, agora mesmo, tivemos uma batida (policial) aí.(...) Então o erro não é... a Cruzada ganha essa, pá!, (bate palmas) essa tarja negra. Porque é uma tarja negra a Cruzada. Porque o tráfico tem no meio de todas as camadas sociais, não é verdade? Só que ela funciona de maneira diferente. Aqui é de uma maneira embrutecida, denegrada, 'na Cruzada São Sebastião'!

Contudo, para ele, mais forte que a discriminação externa seria o sentimento de inferiorização interno, entre os próprios moradores da Cruzada. Gerações mais antigas sentiam-se menores por serem negros, oriundos de favela, pobres instalados formalmente em um bairro rico. Porém, ele vê diferenças nos mais novos, em jovens como a própria secretária, também negra, de 22 anos de idade. Geração mais pró-ativa e independente do que chama de “síndrome do assistencialismo” insuflada pela Igreja Católica:

(...) Eu vejo que o pouquinho que a gente conversa, ela (se refere à secretária e também moradora) já tem uma outra... ela não se sente como uma outra geração sentia, de 'ah, porque é preto, entendeu?'. Ela é uma moça empenhada, tá fazendo curso de enfermagem. (...) Então eu tô vendo não só ela, mas também outros jovens que é o futuro dessa comunidade, né, que é a futura associação, que é a futura geração, eu vejo já que eles já estão com, entendeu, com proposta, com propósitos, eu vejo eles com uma outra visão do que eu via antes, porque eu sou oriundo daqui.

(...) Ela tem a cabeça erguida, ela tem a estima dela em alta, ela tem os valores dela, entendeu, quer estudar, quer ter, quer ser... Quando outros que vieram como coitados, debaixo de uma... eu acho que... eu chamo até de síndrome do assistencialismo, parece um doença isso. A pessoa se tratar como coitado, negro, inferiorizado.

Para além do papel que atribui à Amorabase de buscar parcerias que venham a contribuir com o desenvolvimento da Cruzada, em áreas como educação, saúde e planejamento urbano, o presidente destaca como atividade fundamental de sua gestão a chamada “conscientização” do morador, frisada inúmeras vezes ao longo do depoimento.

Conscientizar de que? Esta ação se apresenta em duas frentes. A primeira é atrelada à ideia de que, por meio da filosofia do protestantismo, é possível combater a “síndrome do assistencialismo” incutida pela Igreja no conjunto habitacional ao longo dos anos, que teria tornado boa parte de seus moradores

pessoas acomodadas e dependentes de doações; desacreditados do que seria seu “potencial interno”.

Eu fico suspeito de falar porque tem muita influência da religião. (...) Porque o protestantismo ele é diferente. (...) Nós somos senhores. Nós temos potenciais a ser desenvolvidos, não é verdade? Talentos, somos talentosos. E o tempo todo a Igreja... Ah, fala sério, eu morro com isso! Olha, aqui tem uma moça. (...) Ela entrou aqui dentro, ela é muito engraçada, você morre de rir. 'Ah, porque eu vou ali porque eu vou arrumar uma bolsa de graça. Eu vou ali porque eu quero uma cesta básica'. Ela tem as facetas. É uma mulher hiper inteligente, ela pegou aqui na limpeza (...) Mas a síndrome do assistencialismo ainda tá impregnada nela. E a artimanha dela é de uma inteligência dela conseguir verba pra se manter... (...) Hoje a coisa tá melhor. As pessoas tão se valorizando, entendeu? Agora, a comunidade passou muitos anos debaixo dessa coisa que foi perigosa! E as pessoas, tem umas ainda que tá impregnada disso e elas cobram que você dê, que você faça! (...) Eu tô fazendo esse trabalho que é árduo, boca a boca, de que nós não somos pobres miseráveis. E eu já tô vendo resultado. (..) Acredito de você conscientizar: 'Que nada, você não tem que tá dependendo da Igreja. Você tem!'. E eu tô buscando cursos, oportunidades.

A segunda frente de conscientização nos interessa aqui particularmente. A perspectiva de mudança da sede da Amorabase, do apartamento para uma área própria dentro da Cruzada, é motivo de comemoração para o presidente, que revelou ainda que a associação assumirá a função de administradora do conjunto habitacional, reunindo em si a administração dos blocos, hoje feita por síndicos independentes. Na Cruzada, segundo ele, há muitos aspectos que ainda deixam a desejar, como a limpeza e a falta de ordem no comércio das barracas de bebidas e alimentos existentes na rua, por exemplo. Para o presidente, isso acontece principalmente porque uma minoria de vizinhos não teria consciência de que moram na Cruzada São Sebastião, um condomínio no Leblon; acham que habitam em uma favela.

(...) E que eu quero trazer a consciência dos moradores e de todos que estão passando aqui pela associação que nós, na verdade, nós somos condomínio, nós não somos uma favela. (...) No Leblon, pô! Aqui é coração, é um bairro! Acho que nós temos que nos organizar. E eu tô batendo em cima disso. (...) Porque na verdade essa opressão da não-consciência do valor da infra-estrutura, e também da identidade, e da falta de oportunidade a pessoa cega, entendeu? Ela fica cega, ela fica surda pro bairro, pra nobreza do lugar que moramos. Que é uma riqueza. Morar no Leblon, querida... não é verdade? Eu tenho esse lado triste do meu povo aqui dentro não ter essa consciência que não é a maioria, entendeu, não é a maioria... É uma minoria, mas que consegue denegrir por falta de um trabalho, por falta de um investimento social.

(...) Então sempre lutamos, buscando a consciência dos valores mesmo do bairro. Porque tem, sabe, teve geração que não tava nem aí. Que nós moramos no coração da Zona Sul, num lugar nobre... e rico, né? Valiosíssimo o metro quadrado, entendeu? Então muitos realmente não davam... eu já tinha isso dentro de mim, entendeu?

Para o presidente, uma parte de seus vizinhos prefere manter, mesmo vivendo na Cruzada, um conjunto de prédios, o que entende por “ritmo de favela” ou “ritmo de morro”, que não condiz com o “ritmo” de um condomínio.

(...) O ritmo de um morro é um ritmo de morro. Lá é uma favela, né? E o que que é a palavra favela? É lugar totalmente, é tipo desorganizado, não é isso? Não é uma desorganização de... é sem planejamento na verdade, não é isso? E aqui, não! Poxa, você já viu os tamanhos dos apartamentos? Esse é o de dois quartos. (...) É um lugar maravilhoso. As pessoas não tomaram ainda... essa consciência interna eu tô apanhando um pouquinho, entendeu? Eu tô sendo meio que não-compreendido. Porque as pessoas... O ritmo de favela pra muitos é melhor. É de: ‘Fulano! Desce aí!’ (em tom de voz elevado). Quando a gente podia ter um interfone: ‘olha só, eu tô subindo, eu tô descendo!’. E fazer a comunicação... Porque hoje a tecnologia dá pra fazer isso.

(...) Porque eu morei na praia do Pinto. Você sai de uma favela, vem pra um lugar desse maravilhoso. O porquê que eu tenho que manter o ritmo de favela? Não é verdade?

Falta de educação, de civilidade, de higiene e de organização. Esse é o “ritmo da favela” presente na Cruzada, de acordo com o presidente.

Ah, o ritmo de favela é você chupar uma bala, tu jogar papel no chão... não é verdade? Tô chupando uma bala, jogo lá embaixo... Poxa! Melhorou hoje. Modest, não era? Fralda... hoje não, tá melhor isso? (referindo-se à secretária) (...) Mas eu bati muito em cima. Eu tenho uma ONG, não sei se você sabe. E a minha ONG era isso. (...) Eu sempre batalhei isso porque não adianta eu dizer assim pra você: ‘olha, você é uma porca, você é uma desorganizada! Você é isso!’. Nada! Eu tenho que dar oportunidade, dar subsídio, não é? (...) O prédio, a estrutura daqui é maravilhosa! Olha, a gente tem a precariedade de não ter elevador, mas, gente, se você vê as escadas são espaçosas! E nós somos familiarizados, de todo mundo ter vindo da mesma época. Tem muito morador antigo e todo mundo se conhece²³. Mas tá entranhado aquela coisa, aquele hábito que vem da favela, entende? Quantas vezes na favela se pegava as necessidades que eram feitas em jornal, pra pessoa não ficar aquilo dentro de casa, ela lançava fora, pra direção de um outro barraco... era assim! E os problemas eram esse, a

²³ “Deve-se considerar os laços de parentesco que aparentemente predominam sobre quaisquer tipos de relações interpessoais na comunidade. Membros de grupos extensos de parentesco vivem espalhados pelos dez edifícios da Cruzada. Apenas quando não há mais espaço na Cruzada, os jovens tendem a mudar-se para outros bairros, geralmente favelas nas redondezas. Quando há um apartamento desocupado na Cruzada, é provável que este seja alugado ou comprado por alguém que já mora na comunidade.” (SLOB, 2002:123). “A Cruzada é não só o lugar onde ‘ninguém fica sem parente’. É o lugar onde ficam os parentes.” (SIMÕES, 2008:249).

briga era: 'ah, porque você jogou coisa no meu barraco!' (...) Quer dizer, esse ritmo ainda perdura. Não tá tanto mais, né (referindo-se à secretária)?

A secretária da Amorabase, estudante de graduação em Enfermagem e moradora da Cruzada desde que nasceu, revela o que de fato estavam querendo dizer: a favela foi extinta, mas não “saiu” das pessoas. Ela é produtora de um tipo de indivíduo que carrega “aquilo” que é responsável pelos principais problemas do conjunto. Seu sonho é ver a transformação efetiva da Cruzada em condomínio residencial, onde imagina que as pessoas são civilizadas, primam pela limpeza de seus prédios, não se conhecem e por isso se interessam menos em acompanhar a vida dos vizinhos, diferente do cotidiano do conjunto.

(...) Tem muito assim: 'ah, é uma favela'. Tá. Não é uma favela! Se a gente parar pra observar, o lugar é bom. Mas assim, não é favela, o pessoal que é favelado! O pessoal vem com aquilo, e não se desfaz, sabe, quer levar aquilo pra sempre. Tem gente que dá pra mudar, mas tem gente que pensa assim: 'ah, se eu for morar em tal lugar, de repente leva daqui pra outro lugar', entendeu? Sabe? É da pessoa, a pessoa quer levar aquilo. Não é o local que é ruim, são as pessoas que fazem o local ser ruim. Se cada um pega o seu lixo, bota ali, amarra, joga na lixeira, entendeu? Ia ter menos sujeira na rua. Se o pessoal chegasse, 'ah, vou pra minha casa, ver uma televisão', não ia haver fofoca. Sabe? Então, assim, dava pra ser melhor. Tem tantos condomínios que o pessoal mal conhece o vizinho. Dava pra ser assim. O meu corredor é uma benção! A minha vizinha tava morando lá há quase um ano e eu não sabia o nome. Por que? Porque no meu corredor todo mundo chega do trabalho, entra, faz o que tem que fazer dentro de casa. Pessoal não se vê, sabe? Todo mundo sai pra trabalhar, chega, tem muito isso, entendeu? (...) Tem gente que faz questão de ficar pendurado: 'Ih, fulano chegou! Ih, ó, fulano veio das Sendas' 24. 'Nossa, fez compra de mês! Ih, foi nas Sendas, só trouxe uma bolsinha!' Sabe? Então, assim, acho que vai muito da pessoa.

Aos 57 anos, o presidente mora na Cruzada desde os cinco, quando se mudou da Praia do Pinto para a Cruzada com a família. E é a partir de sua experiência na favela e de outros, como a de sua mãe, que justifica o que seria falta de consciência de alguns, que desvalorizariam a obra de Dom Helder e o fato de habitarem na Zona Sul. “A favela mora neles”.

(...) Querida, quando a favela enchia... E também agora no verão... Eu choro, eu não gosto de contar (o presidente se emociona). Eu me emociono quando eu conto. Porque eu vi, ficou marcado, entendeu? (...) Porque você vê, hoje fala-se da favela da Rocinha. É alvenaria. (...) Tu já viu a foto da Praia do Pinto? Já viu alguma? É barraco! (...) Eu tenho a lembrança, eu choro de emoção e de gratidão. Por hoje nós termos água encanada, temos um banheiro, nós não tínhamos, entendeu?

²⁴ Rede de supermercados.

Era... era... vou dizer, era insano. Vivíamos em situação de risco mesmo! (...) Então tem pessoas que trazem ainda hoje dentro da, morando ainda, morador da Cruzada há 50 anos que traz o trauma de guardar, que nós tínhamos que guardar jornal, papel pra tampar as frestas do barraco quando chovia ou fazia frio, a gente tinha que tampar com... tinha que tá indo nas obras das construções na redondeza, o Leblon tava sendo construído, tava em processo de crescimento, aí tinha resto de obra nós pegávamos lata de tinta pra ser usado como... é... o esgoto, entendeu?

(...) Porque eu falo pra minha mãe: ‘Mamãe, a senhora saiu da favela, mas a favela não saiu da senhora’. Esses termos eu usei pra um bocado de gente.

Afirmando ter percebido melhoras na “comunidade”, que estaria um pouco mais “consciente” do que no passado, o presidente exemplifica de que modo esse trabalho de conscientização é feito no dia a dia. Ainda que custe a ele a fama de metido entre muitos vizinhos.

Melhorou bastante. Eu sou tido assim, pra algumas, de metido. Porque eu não sei lidar, manter, eu sabendo que a favela existe dentro de você e de eu não comentar. Eu brinco: ‘ó, deixa de ser nigrinha!’. Aí umas riem, aí tem outras que até ri, mas ela grava aquilo como fosse uma ofensa. Eu vou falar: ‘ah, tira essa nigrinhagem daí!’ Sabe, aquele negócio do barraco, de pegar e fazer assim... A outra me pega, tava tomando uma cerveja ali, pegou o copo e fez assim, aqui ó (repete o gesto de jogar a cerveja no chão). Virou e fez assim no meio da rua: “pá!”. ‘Ah, é, a nigrinha!’. (...) ‘Pô, você não tá morando na favela, querida! Você é uma preta de um condomínio!’ Outro dia eu falei pra uma assim: ‘Que isso, você descendo esse barraco, olha só!’ Aí eu já mexi com a roupa, eu já mexi com o ambiente que ela tava sentada, jogando cigarro assim no chão... Aí ela falou: ‘Ih, é mermo... Pô, eu tenho que... pô, eu sou do Leblon!’ (...)

A esperança do presidente para uma mudança efetiva da “comunidade”, de seu “povo”, está na postura diferenciada de jovens como a secretária, que estudam, trabalham, desejam ascender socialmente e disputar a cidade, bem como almejam a transformação da Cruzada em condomínio. No fundo, o que ambos sonham e pretendem é ver - e serem vistos - como moradores de um bairro carioca.

Olha, eu vou te dizer (...) mas se eu tivesse o poder da persuasão, pra mostrar aqui que aqui é um condomínio, que aqui é nosso e quem vai tomar conta somos nós! Acabou! E ter coragem, olha só, pros drogados, digamos: ‘olha só você usa sua droga...’ Eu não sou a favor, tá? De destruição da saúde. (...) ‘Você que vende, se organiza, isso aqui é um condomínio...’ Porque nós precisamos mostrar, não só pra nós mesmos, em primeiro lugar, pra esse bairro e até pro mundo que nós podemos todas as coisas. E que nós estamos alegres por morarmos aqui. Agora tá bem melhor. Tá bem melhor.

No discurso do presidente de associação de moradores da Cruzada há uma ênfase sobre a importância do trabalho de “conscientização” feito junto aos moradores. A presença de um grupo, segundo ele, uma minoria que desconhece o valor da Cruzada São Sebastião e também os valores do bairro, bem como o fato de que reside na Zona Sul, no Leblon, demanda ações nesse sentido.

A fala dele, assim como da jovem secretária, nos traz a imagem da existência na Cruzada São Sebastião de uma espécie de cabo de guerra. De um lado, o “ritmo da favela” ou “ritmo de morro”, por meio do qual a tal minoria de moradores vivencia a experiência de habitar a Cruzada, lugar que, para estes que “têm a favela dentro de si”, seria uma favela; e, de outro lado, em contraposição, o que podemos chamar de “ritmo do bairro” ou “ritmo de condomínio” desejado pelo presidente e pela secretária e, segundo os depoimentos, pela maioria dos moradores, mais afinados aos que seriam os valores do Leblon. A Cruzada, para este grupo, seria ou deveria ser um condomínio composto por 10 blocos.

Em outras palavras, o presidente apresenta uma fala empenhada em livrar a Cruzada São Sebastião do estigma que carrega: o de ser uma favela. E o árduo trabalho de “conscientização” reflete um grande esforço cotidiano, no “boca a boca”, na tentativa de “purificá-la” junto aos moradores - e também junto a interlocutores externos. Parece haver também, nesse sentido, um empenho em amenizar o impacto negativo gerado pela Cruzada no entorno, já que não é isento o fato da associação de moradores do conjunto habitacional ser integralmente custeada pelo Shopping Leblon.

A Cruzada é condomínio, reafirma o presidente da associação. Seu depoimento reforça a necessidade de expurgar a “doença” forjada pela favela que, “entranhada”, palavra que ele utiliza, na subjetividade desses vizinhos produz comportamentos dissonantes com o bairro em que a Cruzada se insere e também com a própria estrutura formal de construção do conjunto, de prédios e apartamentos. “Não é favela, o pessoal é que é favelado”, sentenciou a secretária. “Favelado” ou, conforme os termos apresentados pelos relatos, aquele ou aquela que tem “a favela dentro de si” é também “nigrinha”, pessoa que faz “nigrinhagem”. Sabendo ser negro o presidente da Amorabase, essas associações parecem reproduzir certos estereótipos e preconceitos raciais e sociais correntes, ainda que dito em tom de “brincadeira”.

Em suma, a “conscientização” constitui, assim, uma tática reativa à fronteira e ao estigma territorial impostos pelos de “fora”. Reafirma a existência de segregação, apesar do presidente mencionar inicialmente que a relação do conjunto habitacional junto aos bairros adjacentes estaria melhor, que haveria menos discriminação em comparação a tempos passados.

Por meio deste trabalho de “conscientização”, também perverso por indicar um processo interno ao conjunto de diferenciação social, nota-se o empenho dos dois entrevistados em mostrarem-se pessoas aptas a habitarem o Leblon, bairro de elite, mesmo residindo na Cruzada, conjunto popular, porque conscientes da existência de um “problema” a ser combatido. Nesse sentido, se tal tática de resistência ao estigma territorial de certo modo os permite demarcar uma distância dos vizinhos que têm “a favela em si”, no âmbito interno ao conjunto habitacional, os informantes percebem que, do ponto de vista externo, o fato de morarem na Cruzada os desqualifica sem distinção, coletivamente. A “conscientização”, a despeito do desejo de afastar o estigma, dissociando Cruzada e favela, reproduz internamente a fronteira e reforça os enunciados de quem os percebe como, entre outras denominações, uma “favela vertical”²⁵.

Os depoimentos de José no item anterior e do presidente e da secretária estão, de certa forma, sintonizados. Todos se revelam preocupados, cada um a seu modo, em desvencilhar a si próprios, e também a Cruzada São Sebastião, da conexão entre favela, violência, criminalidade, falta de educação, e toda a sorte de aspectos negativos.

Se, para José, a memória de seu passado na Cruzada era algo lúdico e puro, demandando dele uma estratégia de resistência com o objetivo de distanciar-se da imagem que tem do conjunto atualmente, atrelada à ideia da favela, para o presidente e também para a secretária o momento presente, com vistas ao futuro da “comunidade”, à sua transformação em condomínio, pede um esforço de “conscientização”, também uma tática de distanciamento no intuito de separar a eles e a Cruzada de um passado de favela e de um grupo que ainda insistiria em mantê-la viva.

A necessidade de afastar-se da favela é fundamental para compreensão dessas falas. A intenção em promover diferenciação social está expressa na cisão

²⁵ Termo que aparece em algumas das matérias jornalísticas pesquisadas.

entre “nós” e “eles”, “dentro” e “fora”. José esteve dentro, em um tempo que seria simbolicamente positivo, mas hoje está fora do que vê como universo negativo. O Presidente e a secretária, por seu turno, estão dentro, moram na Cruzada; encarnariam o personagem “eles” na visão do antigo morador. Ao mesmo tempo em que, para o presidente da Amorabase e para a secretária, “eles”, a partir de suas perspectivas, seriam os vizinhos em quem “habita a favela”. A Cruzada São Sebastião que, do ponto de vista externo, aparenta ser um conjunto homogêneo, monolítico, certamente não o é.

Mesmo estando dentro do conjunto habitacional, os depoimentos do presidente e da secretária se mostram afinados ao que seria a “lógica” do bairro e da cidade, ao contexto externo que discrimina e reduz a Cruzada ao estigma a ela atribuído, apesar do esforço interessado de ambos em livrar-se dele. Tal empenho respinga também na afirmação que o presidente faz sobre a diminuição da segregação na relação entre a Cruzada e os bairros adjacentes. A ênfase parece recair, assim, sobre a importância em “recuperar” os vizinhos a fim de que colaborem e aceitem que o conjunto é um condomínio residencial. E não uma favela.

3.4.

A Cruzada na imprensa

A pesquisa²⁶ feita a respeito da Cruzada São Sebastião na mídia impressa e online – jornais e sites - reuniu 21 matérias, sendo 11 delas publicadas somente na década de 1970; cinco na década de 1980; e seis nos anos 2000. Tal cronologia serviu de orientação para a subdivisão que fizemos para este item. Faz-se necessário dizer que nos anos de 1990 foram localizadas poucas notícias, sem grande relevância. Por esse motivo, não foram incluídas na análise que se segue.

A seleção englobou veículos de grande circulação do Rio de Janeiro como “O Globo” e “Jornal do Brasil” (JB), além do “O Estado de São Paulo”, jornal “O Dia” e do extinto “Última Hora”, e também do site O Globo Online.

²⁶ A seleção de notícias foi realizada a partir de material pertencente ao arquivo do Jornal O Globo.

3.4.1.

Anos de 1970: Cruzada, a “fronteira da lei”

Além de concentrar o maior número de notícias a respeito do conjunto habitacional, é também nesta década que se encontraram mais matérias de viés estigmatizador se comparado aos demais períodos analisados. A representação sobre a Cruzada era de lugar desordenado, miserável, sujo, abandonado; uma “favela de cimento armado”, “uma favela vertical” em meio a uma vizinhança que não “poderia haver melhor” (O GLOBO, 27/03/1974).

As matérias invariavelmente associaram o conjunto habitacional ao mundo do crime. Sob o ponto de vista dos jornais, saíam de lá quase todos os bandidos responsáveis por furtos, seguidos ou não de violência, nas fronteiras entre Ipanema, Leblon e Lagoa. A maior parte dos crimes era cometida por crianças, “pivetes batedores de carteira”. Talvez motivada por essa questão, uma polêmica a respeito da possibilidade de transferência da população habitante da Cruzada também esteve em voga na imprensa naquele período.

Importa lembrar a conjuntura histórica dos anos de 1970. Estava ainda a pleno vapor o programa de erradicação de favelas da Zona Sul da cidade; convém mencionar também que havia se passado pouquíssimo tempo do incêndio que exterminara a favela da Praia do Pinto, em maio de 1969.

Praticamente em uma mesma semana do mês de dezembro de 1973, foram publicadas quatro matérias investigativas sobre a Cruzada, duas pelo jornal O Globo, duas pelo Jornal do Brasil, provavelmente motivadas por um crime ocorrido havia pouco tempo naquelas imediações, o assassinato de um estudante nas esquinas das Avenidas Ataulfo de Paiva e Borges de Medeiros. O rapaz morreu após ser assaltado por três homens que, segundo as notícias, seriam moradores do conjunto habitacional.

De um modo geral, o espaço dado pela imprensa às falas dos moradores do conjunto habitacional, a respeito das acusações a seu local de moradia, era exíguo. Percebe-se nessas falas um tom de defesa, no sentido de provar que a Cruzada abrigava também “gente de bem”, não só marginais.

Nós detestamos o ambiente aqui. Até que neste bloco ninguém incomoda. Mas nos do centro está montado o inferno. Há neles traficantes de drogas, bicheiros, pivetes e muitos desocupados. (JORNAL DO BRASIL, 16/12/1973)

Sobre uma moradora, a reportagem do Jornal do Brasil diz:

Uma outra senhora, à frente de um grupo de mulheres que falam sem parar, sentencia que ‘os justos sempre pagam pelos pecadores’. (...) Estas são prejudicadas, injustamente confundidas com os marginais que ocupam bom número de habitações no centro do conjunto. (JORNAL DO BRASIL, 16/12/1973)

As notícias pareciam reconhecer a existência de pessoas de “boa índole” na Cruzada. Contudo, essa percepção não forte era o bastante para combater os estereótipos que se criaram acerca do morador do conjunto, análogos aos estereótipos a respeito do morador de favela no Rio de Janeiro.

Na Cruzada, os estranhos são recebidos com certa desconfiança. Agressivos e ao mesmo tempo simplórios, os moradores repelem as acusações policiais. Dizem que a Cruzada está pagando pelos erros de outras áreas habitacionais, as favelas da Zona Sul. (JORNAL DO BRASIL, 18/12/1973)

Presente no que Janice Perlman (1977) chamou de “mito da marginalidade” no final dos anos de 1960, o estereótipo do *favelado* naquela década, que encontrava ressonância na teoria da marginalidade, reunia uma série de características econômicas, sociais, culturais e políticas; “cada dimensão refere-se a uma maneira específica de colocar-se fora do funcionamento padronizado da sociedade, mas são conectadas pelo fato espacial-ecológico da residência em uma favela.” (1977:129-130)

Dentre estas características estão o que ela chamou de cultura da pobreza, ressentimento e resignação. Cultura da pobreza correlaciona-se ao que seria um conjunto de reações e adaptações do *favelado* à condição de penúria enfrentada na favela. Aqueles que dessa cultura partilhavam seriam desconfiados, agressivos, ressentidos, propensos à criminalidade e à violência, à dissolução familiar e ao pessimismo e à resignação, fatores que corroborariam para a perpetuação de sua condição de pobres e marginais. Estaria formado, assim, um ciclo difícil de se romper. Nesse sentido, as baixas aspirações dos *favelados* a respeito do futuro e o sentimento de fatalismo eram consequências esperadas.

Perlman, por meio de uma pesquisa de dois anos em favelas cariocas, desconstrói e desmistifica tais ideias que eram tão corriqueiras sobre o mundo da

favela. Longe de apresentarem um quadro de desarticulação familiar, ela mostra que as famílias, em geral, eram estáveis e que os habitantes de favelas eram otimistas em relação ao próprio futuro e à sociedade, apesar da situação adversa de vida. Ao contrário da ideia de perpetuação de uma cultura de pobreza, havia em boa parte deles o desejo de mobilidade social e econômica, de acesso à educação. Ela nota ainda que quando demonstravam descrença, havia menos fatalismo ou resignação do que uma avaliação realista sobre sua situação de vida. A autora atesta, desse modo, que o *favelado* não era marginal social, cultural nem econômico nos sentidos proferidos pela literatura sobre marginalidade. Todavia, a participação deles “é severamente limitada pela natureza das barreiras de classe”. (PERLMAN, 1977:179)

Tendo como pano de fundo a discussão de Perlman, a imprensa na década de 1970 chamava atenção para a clara insatisfação e o sentimento de medo da vizinhança do Leblon, de Ipanema e da Lagoa em relação à presença da Cruzada na região.

Há três meses, uma senhora que descia com sua sobrinha, menina de 8 anos, foi atacada por um bando de pivetes da Cruzada, às 8 horas da noite, no mesmo local onde o estudante João Guilherme foi assassinado 2ªfeira. Ela reagiu, distribuindo bolsadas, e levou uma rasteira de um dos pivetes; mesmo no chão, foi pisoteada. Estava grávida. (O GLOBO, 14/12/1973)

A transformação que o Leblon e Ipanema sofreram com a construção da Cruzada pode ser sentida à noite no Jardim de Alá. Ponto turístico e passeio preferido pelos namorados na década de 40, o Jardim de Alá hoje é evitado por todos. (...) O mesmo problema está sendo sentido pelos moradores da Selva de Pedra. (...) Ali existem muitos playgrounds entre os prédios, e uma grande praça com campo de futebol. Mas as mães estão preocupadas com a invasão dos pivetes que saem da Cruzada e vão para lá. (O GLOBO, 14/12/1973)

Os delinquentes da Cruzada têm a certeza da impunidade quando entram no beco da Humberto de Campos; ali para ele, é a fronteira da lei. (O GLOBO, 14/12/1973)

- A finalidade social da Cruzada São Sebastião já nem é mais assunto de cogitação, nem mais se justifica, dados os prejuízos morais e materiais causados pela Cruzada à população do Leblon – diz Miguel Ângelo Sayad, ele e seu colega de diretoria do Monte Líbano, Salim Katam, formando entre os maiores críticos da Cruzada. (...) O Monte Líbano contratou agentes particulares de segurança para acompanhar associados e visitantes até seus carros. Funcionários do clube também acompanham as pessoas “até local mais seguro. (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)

Nem moradores do Leblon, nem moradores da Cruzada. Na década de 1970, a polícia constituía a principal fonte de informação dos veículos impressos. Era basicamente a partir dos dados apresentados pela instituição que se construía as notícias sobre o conjunto habitacional. O delegado Gastão do Nascimento, da 14ª Delegacia de Polícia, situada ainda hoje em frente ao acesso da Cruzada pela Rua Humberto de Campos, é figura constante nessas reportagens da primeira metade da década. Segundo um levantamento feito à época por aquela delegacia e publicado em primeira mão pelo Jornal do Brasil (16/12/1973), 70% dos crimes ocorridos no Leblon, Ipanema e Gávea eram cometidos por habitantes da Cruzada.

O conjunto da Cruzada é hoje considerado um centro de delinqüência. (...) Ali a vida não corre tranqüila. Se o conjunto abriga muitas famílias de trabalhadores é certo também que sua má fama se justifica plenamente pelo elevado número de ladrões, traficantes, pequenos assaltantes, desocupados permanentes ou transitórios (...) (JORNAL DO BRASIL, 16/12/1973)

O detetive Máximo, da 14ª Delegacia, diz que é espantosa a sucessão de crimes na Cruzada. Ele não vê solução para isso pois 'à medida que vamos prendendo delinqüentes, outros aparecem e ocupam os lugares vagos.' (JORNAL DO BRASIL, 16/12/1973)

Dizem estas (referência às estatísticas policiais) que a Cruzada lidera a distribuição de maconha na Zona Sul, seguida à distância pelo Morro de Santa Marta, em Botafogo. (...) Mas a 'especialidade' da Cruzada parece ser mesmo a criminalidade de menores. No mês de novembro, por exemplo, somente a Delegacia de Vigilância da Zona Sul encaminhou à Funabem 144 crianças e adolescentes apanhados em 'prática de atos delituosos.' (O GLOBO, 13/12/1973)

O mesmo delegado alegou que a presença da Cruzada se chocava com o padrão do Leblon e, por isso, sua população deveria ser realocada em “conjuntos residenciais suburbanos, mais condizentes com o padrão de vida que tem”. A polêmica da transferência ganha, assim, o debate público por meio da imprensa.

O delegado Gastão do Nascimento, da 14ª DP em cuja jurisdição fica localizado o conjunto residencial da Cruzada São Sebastião, no Jardim de Alá, disse que não se justifica a existência de habitações com características de favela de cimento armado no bairro, em face do alto gabarito econômico da área. Os apartamentos, acha ele, deveriam ser desapropriados e pelo menos alugados a funcionários públicos ou a outras pessoas qualificadas, com rendimento acima de cinco salários mínimos. (JORNAL DO BRASIL, 18/12/1973)

A falta de recursos do órgão criado por Dom Helder para a manutenção dos prédios da Cruzada e a sua não-vinculação aos órgãos estaduais, como os

demais conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro, eram dados como motivos do abandono e do crescimento da criminalidade naquele local. A ideia de que havia uma certa convivência entre moradores e criminosos também está presente. “Nos vários blocos de apartamentos, de aparência miserável, delinquentes se infiltram e entre os moradores não há líderes com ânimo para reivindicar melhorias.” (JORNAL DO BRASIL, 18/12/1973)

Em março de 1974, um pedido formal da polícia solicitava a transferência dos habitantes da Cruzada, com base em um cadastramento geral dos moradores feito pela mesma instituição pública. Apesar do documento constatar que trabalhadores e menores de idade em situação escolar constituíam a maioria da população, a notícia sugere que a solicitação de desapropriação era calcada em argumentos criminais.

O cadastramento feito pela Policia na Cruzada São Sebastião, no Leblon, chegou a resultados surpreendentes. Exemplos: dos 987 homens em idade ativa que lá moram, 881 trabalham e 55 estão aposentados. Dos 939 menores entre 10 e 18 anos, 781 estudam e 99 trabalham. Mesmo assim, o documento policial conclui propondo a remoção dos que lá residem, com a desapropriação dos apartamentos: são 886, dos quais 835 ocupados pelos proprietários. (O GLOBO, 27/12/1974)

As famílias que habitam a Cruzada sobrevivem, essa é a verdade nua e crua, à custa dessa riqueza (Zona Sul) da qual são predadores de modo geral, como provam as estatísticas. Enquanto nas ruas principais da 10ª DP (Botafogo) foram registrados, em quatro meses, 44 roubos, aqui na 14ª DP (Leblon) o número chegou a 102. (...) Não há de fato na área mercado de trabalho qualificado para pessoas de nível social e de instrução tão modesta. As mulheres, sim, são domésticas que se empregam nas redondezas, muitas com regularidade e honestidade, mas outras para servirem de ponta de lança a seus homens que, com chaves falsas e outros meios, podem furtar com mais desembaraço. (O GLOBO, 27/12/1974)

A possibilidade de deslocamento dos moradores da Cruzada, que afirmavam serem proprietários, levantou uma outra questão que passou a ser considerada como perigo para o conjunto habitacional: a crescente especulação imobiliária no Leblon, mais um agente com potencial de transferir aquela população.

Na verdade – denunciam – visa-se o ponto, a localização da Cruzada, uma área valorizadíssima, com uma vizinhança de alta classe média para cima. ‘Somos inconvenientes. Os frequentadores da churrascaria ou do teatro Casa Grande não gostam de ver os pretinhos pedindo dinheiro.’ (O GLOBO, 30/03/1974)

- *Eu não duvido de que haja, eu sei inclusive por cochichos, um interesse imobiliário por trás de tudo isso – continua o Padre (Bruno de Trombeta, à época, pároco da Igreja Santos Anjos). (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)*

- *Os olhos estão de olho grande no terreno, querem empurrar a gente pra fora daqui. Mas o Padre defende a gente, o Padre não deixa. (Leo, 16 anos, nascido e criado na Cruzada). (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)*

Para o entorno, a transferência dos moradores para outro lugar soava como uma esperança.

Eu gostaria que uma imobiliária qualquer comprasse logo o terreno e acabasse com aquela praga. A gente não pode nem fazer a feira, eles arrancam as compras da mão da gente’ – Maria Regina Bretas, 36 anos, Edifício Giotto, Avenida Henrique Dumont. (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)

Nas matérias, as fronteiras entre o bairro e o conjunto habitacional aparecem como barreiras muito bem definidas, que delimitam a passagem de um mundo a outro, simetricamente opostos. O mundo do bairro é o mundo “Zona Sul”, “limpo”, “saudável”, “bonito”; o da Cruzada é “Zona Norte”: “sujo”, “doentio”, “feio”. A ideia de uma cidade dentro de outra cidade também foi acionada.

As ruas Humberto de Campos e Professor Antônio Maria Teixeira e as avenidas Afrânio de Mello Franco delimitam o enclave de Zona Norte num dos trechos mais valorizados da Zona Sul – é a Cruzada São Sebastião, que poderia chamar-se Bairro São Sebastião ou Conjunto São Sebastião e estar num subúrbio da Leopoldina ou Baixada Fluminense. Seus habitantes pertencem a uma realidade social totalmente diversa da realidade de Ipanema e Leblon, bairros que se sentem muito pouco à vontade com aquele corpo estranho em seu meio. (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)

Quem entra pela rua Humberto de Campos, no Leblon, e chega à esquina ao lado da igreja Santos Anjos, transpõe os umbrais de um outro mundo: o mundo variado e imprevisível do bairro (na verdade, um sub-bairro) São Sebastião, mais conhecido como Cruzada São Sebastião, construído sob a liderança de D. Helder Câmara, há mais de vinte anos, com objetivo de dar moradia aos favelados da antiga praia do Pinto. A cerca de 200 metros da entrada da Cruzada, duas adolescentes bem vestidas olham as vitrinas da boutique Elle et Lui. No bar ao lado, um morador da Cruzada, de sandália de borracha e short, come um sonho e toma uma média. (...) (JORNAL DO BRASIL, 12/08/1979)

(...) Paralela corre a rua Professor Antônio Maria Teixeira, rua curiosa, fronteira entre dois países. Do lado esquerdo, no sentido da mão, o Rio Zona Sul, blocos de edifícios exibindo paredes limpas, persianas coloridas, aparelhos de ar refrigerado, esquadrias de madeiras, luminárias de boa qualidade ou de bom gosto. À direita está o Rio Zona Norte, os 10 blocos da Cruzada em formatura regular, coroado de antenas de televisão. Em aproximadamente 500 metros de rua,

do lado direito, corre uma cerca de madeira em mau estado e que acaba onde começa a pedreira. Sobre a pedra, passam meninos em farda de colégio ou carregando latas d'água. Cachorros correm de lá para cá, em cima da pedra, no meio do capim. Vez por outra, alguém – geralmente mulher – do lado de cá atravessa a fronteira, volta depois trazendo lotes de roupas. Comum trazê-las desembrulhadas, lençóis e toalhas à mostra. (JORNAL DO BRASIL, 15/08/1976)

Os contrastes entre a Cruzada e o Leblon, constantemente ressaltados pela imprensa, pareciam dar força à ideia de que o conjunto habitacional deveria ser destruído ou mesmo ocupado por “outro tipo de gente”, com o deslocamento de seus moradores daquela vizinhança.

3.4.2.

Anos de 1980: voz aos moradores, medo da transferência

Percebeu-se uma mudança de foco nas publicações, um pouco mais suaves do que nos anos de 1970, quando a imprensa teve participação ativa no processo de construção e de consolidação das representações sociais negativas acerca da Cruzada São Sebastião. A Cruzada, pobre e destoante do cenário onde está inserida, era caso de polícia.

Nos anos de 1980, as pautas sobre o conjunto habitacional, principalmente na primeira metade da década, concentraram-se no debate sobre a posse dos apartamentos pelos moradores, que de objetos de discussão por parte de órgãos de segurança pública e de habitantes da Zona Sul passaram a sujeitos e personagens principais das notícias.

“O fantasma da remoção”, como nomeava a imprensa, rondava a Cruzada. A posse do terreno era alvo de disputa entre o Estado e os donos da pedreira vizinha ao conjunto habitacional, a Pedra do Baiano, como era conhecida²⁷. Em 1981, a Arquidiocese do Rio de Janeiro propôs a concessão da escritura das propriedades às famílias que lá habitavam, o que significava que seriam donas dos apartamentos, mas não do terreno. Uma nova controvérsia instaurou-se entre os moradores: para alguns, o repasse dos documentos poderia significar o afastamento da Igreja do conjunto, suspeita por ela negada com veemência. Seria

²⁷ A pedreira foi implodida e hoje, naquele local, encontra-se o Shopping Leblon.

o fim do projeto de Dom Helder. Para outros, significava a prova do pagamento pela moradia.

- A briga por causa de um espólio vem desde o século passado, mas não é isso que nos preocupa agora – disse Carlos Antônio, espécie de síndico do Bloco Sete. E alinhou os seguintes argumentos: o interesse de especuladores imobiliários pela região – uma das mais caras da Zona Sul – e ‘perda do espírito comunitário tal como se fundou a Cruzada’. (...) ‘Esta escritura proposta agora não traz qualquer benefício.’ (JORNAL DO BRASIL, 19/04/1981)

- A Igreja, porém – afirmou o padre Abílio ao GLOBO – não vai retirar-se do conjunto habitacional. A nossa preocupação como Igreja é que o pessoal assuma o destino de suas vidas, naturalmente com a gente orientando. (...) A reação surgida num dos dez blocos da Cruzada começou a difundir entre os seis mil moradores a ideia de que a escritura significa de fato a retirada da Igreja. Muitos afirmam agora que é preferível ficar tudo como está, ‘ninguém sendo dono de nada’, do que perder a tutela da Igreja, anteparo não só da cobrança de impostos, como das investidas da indústria imobiliária. (O GLOBO, 23/04/1981)

- Sou a favor da escritura, porque é o recibo definitivo daquilo que a gente compra. Digo aí fora que sou morador do Leblon. E onde é que eu provo? A escritura vai provar. Vindo a escritura, haverá impostos e cada um vai assumir a sua responsabilidade, vai pagar os seus direitos. (Diomir Silva, 33 anos, pedreiro, 9º bloco, apartamento 704). (O GLOBO, 23/04/1981)

Em 1983, ocorre a entrega dos títulos de propriedade pela Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro (Cehab), como parte do programa “Cada família, um lote”. A Cruzada passa a ser apresentada, já ao final dos anos de 1980, como vítima de preconceito, conforme a reportagem do Jornal do Brasil.

- Temos de nos conscientizar de que somos proprietários e que não estamos aqui de favor. Com relação aos preconceitos da vizinhança rica, são os mesmos que sofrem todos os dias proletários e negros no Brasil, só que com maior intensidade, porque vivemos no metro quadrado mais valorizado do Rio. Isso chateia os bacanas do Leblon e de Ipanema, que não se conformam em ver a gente usufruir das mesmas vantagens que eles. (...) (JORNAL DO BRASIL, 25/09/1988)

– O sonho de todos eles é que a gente saia daqui, mas não vamos sair, não. Mesmo com as injustiças, vamos continuar – diz Márcia Vera (presidente da associação de moradores em 1988). A primeira grande e principal injustiça, segunda Márcia Vera de Vasconcelos, (...) é a ideia espalhada em toda a Zona Sul de que ‘70% dos crimes ocorridos no Leblon, Ipanema e Lagoa Rodrigo de Freitas são cometidos por píquetes ou marginais da Cruzada São Sebastião.’ (JORNAL DO BRASIL, 25/09/1988)

Uma moradora aborda uma outra face da discriminação, denunciando que a sombra do deslocamento ainda rondava o conjunto - estaria havendo o que chamou de uma “remoção branca”.

*- Se dependesse dos nossos vizinhos, estaríamos morando na Baixada Fluminense ou na Zona Oeste. Mas o que está nos preocupando mais é a chamada remoção branca. (...) **Remoção branca** é o aumento das taxas de água, luz e gás, o que aos poucos está afastando os moradores antigos da Cruzada. (JORNAL DO BRASIL, 25/09/1988)*

Nos anos de 1990, a Cruzada parece ter caído em ostracismo para a imprensa. O conjunto habitacional perde a importância nos noticiários, focados em outros territórios estigmatizados na Zona Sul como as favelas da Rocinha, Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

3.4.3.

Anos 2000: os cinquenta anos da Cruzada

Uma diminuição considerável de abordagens discriminatórias sobre o conjunto habitacional foi observada nos anos de 1980, tendência que se segue nos anos 2000. A polícia, por exemplo, deixa de ser a principal fonte de informação como fora nos anos de 1970, apesar de ainda ser acionada quando o assunto é a Cruzada São Sebastião, que em 2005 completou 50 anos e voltou, mesmo que por pouco tempo, a ser pauta jornalística.

Expressão mais contundente do projeto de urbanização de favelas empreendido pela Igreja Católica, o conjunto é lido pela polícia de maneira diversa, mais amena. Contudo, a percepção da fronteira bairro-conjunto, de certo modo, se mantém.

‘Lá tem tráfico, mas acredito que o consumo de drogas é interno. As pessoas não andam fortemente armadas. Não tem fuzil.’ Segundo ele (o titular da 14ª delegacia, José Alberto Lage), os criminosos do conjunto estão envolvidos em roubos de carro e a pedestres e assaltos a prédios. ‘Não podemos generalizar porque tem gente honesta na Cruzada, mas ela é um corpo estranho no Leblon. Destoa. A Rocinha me dá mais trabalho, porque eles vêm do morro para roubar aqui’. (ESTADO DE SÃO PAULO, 12/06/2005)

Se bairro e conjunto apresentam fronteiras socioeconômicas e culturais nítidas de acordo com o delegado, o parâmetro de comparação mobilizado para falar sobre a Cruzada foi a favela, no caso, a Rocinha. Traçando um paralelo sociodemográfico entre Rocinha, Vidigal e Cruzada São Sebastião, Ribeiro, Cruz & Marbela (2007b), baseados em dados do censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chegam à conclusão de que a Cruzada apresenta resultados mais elevados se comparada às duas favelas quanto a variáveis como renda média nominal dos responsáveis por domicílios e anos de escolaridade dos responsáveis²⁸. Em outras palavras, além de ser uma população em situação de moradia plena, com acesso regular ao sistema de saneamento básico, tais indicadores sinalizam uma distância do ponto de vista econômico e educacional em relação à Rocinha e também ao Vidigal.

Chama atenção uma matéria publicada pelo jornal O Globo em abril de 2008, intitulada “Projeto vai revitalizar a Cruzada São Sebastião”. Transcrevemos a seguir o *lead* que, no jargão jornalístico, refere-se ao primeiro parágrafo da reportagem:

Vista pela maioria dos cariocas como uma ilha de pobreza e problemas incrustada no meio de uma área nobre, no Leblon, a Cruzada São Sebastião vive um processo de revitalização. Acaba de ganhar o projeto de um museu e, em breve, será reurbanizada: terá calçadão com quiosques e iluminação especial. O primeiro

²⁸ Veja as tabelas com tais informações abaixo. Elas incluem também dados sobre o Leblon. (RIBEIRO; CRUZ & MARBELA, 2007b:4-5).

Renda Média Nominal dos Responsáveis do Domicílio
Censo 2000- FIBGE

	Renda Média	Homem	Mulher
Rocinha	R\$ 390,81	R\$ 295,70	R\$ 95,11
Cruzada	R\$ 900,03	R\$ 1.256,01	R\$ 594,29
Vidigal	R\$ 573,47	R\$ 631,59	R\$ 465,67
Leblon	R\$ 4.692,34	R\$ 5.588,84	R\$ 3.325,75

Anos Médios de Escolaridade dos Responsáveis dos Domicílios
Censo 2000- FIBGE

	Todos	Homem	Mulher
Rocinha	4,6	4,6	4,5
Cruzada	6,5	7,5	5,6
Vidigal	5,9	6,1	5,6
Leblon	13,0	13,3	12,6

passo da tentativa de transformar o conjunto habitacional do Leblon em endereço mais cult - e menos marginalizado - foi dado há cerca de um mês, com a instalação de um dos dez painéis de artistas que integrarão ali um Museu a Céu Aberto, com imagens de personalidades valorizadas pelos moradores. (O GLOBO, 20/04/2008)

Logo nas primeiras linhas, a jornalista menciona a Cruzada como “ilha de pobreza” em processo de “revitalização”. A fim de anunciar um projeto que pretende dar nova vida ao conjunto habitacional, num esforço para transformá-lo em endereço “menos marginalizado”, como diz, ela recorre ao estigma da pobreza e ao tema da “fronteira” na abertura do texto. Concomitantemente, aponta o índice de moradores com passagens pela polícia, na delegacia do bairro – 91 -, considerando o universo populacional do conjunto, segundo ela, estimado em cinco mil pessoas.

E, apesar da má- fama, um levantamento feito pela 14ª DP (Leblon), em 2006, constatou que o conjunto respondia na época por apenas 20% nos casos de violência no bairro do Leblon. Segundo o estudo, 91 moradores estavam fichados na DP. (O GLOBO, 20/04/2008)

Em resumo, no período investigado, dos anos de 1970 aos anos 2000, é visível o processo de arrefecimento e suavização do tom com que a imprensa se refere à Cruzada São Sebastião, que deixou de ser nomeada pela alcunha de “antro de marginais”. Mitificado na década de 1970 como principal responsável pela esmagadora quantidade de crimes no Leblon, na Lagoa e em Ipanema, o conjunto foi perdendo progressivamente o “posto” frente aos veículos de imprensa a partir dos anos de 1980, quando a respeito dele se falou com mais ênfase sobre a questão da propriedade dos apartamentos.

Que processo teria levado os veículos de comunicação a se desinteressarem pela Cruzada? De início, pode-se especular que a escalada do comércio de drogas em favelas no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e de 1990, bem como o crescimento em interesse pelo tema da segurança pública nos noticiários, provavelmente tenham relegado a Cruzada a um segundo plano em importância de cobertura jornalística. Há sempre outros mal-estares sociais a ser midiaticamente construídos. “Longe de se limitar a registrá-los, o tratamento jornalístico fá-los experimentar um verdadeiro trabalho de construção, que depende muito amplamente dos interesses próprios deste setor de atividade.” (CHAMPAGNE, 1997:63)

Será que a mudança de humor da imprensa estaria revelando uma espécie de conformismo com a ideia de que a Cruzada está no Leblon e de lá não sairá mais? Será que estaria refletindo interesses do mercado imobiliário, tendo em vista o *boom* experimentado pelo bairro nas últimas décadas? Ou estaria afinada também aos interesses de empreendimentos locais como o Shopping Leblon, instalado ao lado do conjunto habitacional durante os anos 2000? Os limites da presente pesquisa impedem a elaboração de hipóteses mais consistentes; por isso, a formulação de perguntas. Porém, esta mudança no tom do discurso midiático em relação à Cruzada São Sebastião, sugerindo um arrefecimento na fronteira estabelecida na relação com o Leblon, apresenta ressonâncias nos dados coletados a partir da entrevista com o corretor imobiliário, como veremos a seguir.

3.5.

Corretor imobiliário

O Leblon²⁹, segundo dados do censo de 2000 do IBGE, registrava uma população de 46.670 habitantes que ocupavam 18.004 unidades residenciais, com predominância de apartamentos. Cinquenta por cento destas unidades residenciais abrigavam até duas pessoas e quase 60% de seus responsáveis ganhavam mais de 15 salários mínimos. Cerca de 75% dos responsáveis possuíam formação superior, e a maior parte do total desse grupo tinha entre 40 e 69 anos, sendo o número de pessoas acima de 70 anos maior do que de pessoas entre 20 e 39 anos. Somente 967 pessoas não eram alfabetizadas.³⁰

Se considerarmos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³¹ do Leblon no contexto do município do Rio de Janeiro em 2000, o bairro alcançou o segundo lugar do ranking, com 0,967, perdendo apenas para a Gávea (0,970). As vizinhas

²⁹ O Leblon tornou-se bairro a partir da Primeira Guerra Mundial, deixando de ser apenas um prolongamento da Gávea quando, em 1918, instalou-se um ramal de bondes na praia, onde hoje é a Avenida Delfim Moreira. Em 1920, com o arranjo do traçado de dois canais existentes na restinga, ligando a lagoa ao mar, estabeleceu-se o bairro entre eles, chamado de ilha pelos moradores de Ipanema. Para saber mais sobre a história do bairro, Cf. BARBOSA, 1999.

³⁰ Dados coletados no Sistema Morei, do Instituto Pereira Passos. Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/morei9100/default.htm>

³¹ O cálculo do IDH leva em conta elementos como expectativa de vida ao nascer, educação, renda e longevidade. O índice varia de zero até um, sendo considerado elevado quando é igual ou maior que 0,800.

Ipanema e Lagoa ocuparam o quarto e quintos lugares da lista, com 0,962, e 0,959, respectivamente.

Feito este preâmbulo, apresentaremos nosso informante no mercado imobiliário. Proprietário de uma imobiliária especializada em administração de imóveis residenciais no Leblon e adjacências, Fernando é corretor de imóveis há 33 anos. Atualmente, ele e sua equipe administram cerca de 250 imóveis, cuja maioria corresponde a apartamentos de dois a três quartos.

Sobre o perfil de apartamentos no bairro, Fernando utiliza dois parâmetros: “no Leblon você tem desde a Selva de Pedra a apartamentos na Delfim Moreira”. No condomínio Selva de Pedra, ele afirma que os imóveis têm hoje valor aproximado aos de apartamentos de dois quartos perto da praia, localizados em ruas transversais à Avenida Ataulfo de Paiva e à rua General San Martin como as ruas José Linhares e Cupertino Durão, por exemplo. Como podemos supor, quanto mais perto da praia³², maior a valorização, seja para compra e venda ou para aluguel.

Segundo Fernando, a crescente especulação imobiliária do bairro e a construção do Shopping Leblon impulsionaram a procura pelo Selva de Pedra, antes menos valorizado.

Mas o Selva valorizou muito também. Porque no início tinha uma discriminaçãozinha de ser um conjunto, botaram o nome “Selva de Pedra” e tal... E você era assaltado ali dentro da praça também. As mães iam com criança na praça de manhã e eram assaltadas ali. Isso até uns 10 anos atrás. Aí eles botaram as guaritas, entendeu? Botaram uns seguranças dentro, os condomínios se reuniram, aí acabou. E a partir daí começou até... até sentir que tá funcionando leva um tempinho, né? Hoje tem uma procura impressionante. Um apartamento na Selva de Pedra hoje de três quartos, os menores, está na faixa de quase 700 mil. Tem gente pedindo 800 mil reais. O aluguel tá dando 3 mil reais. (...) O Leblon em si, ele deu uma valorizada muito grande. Então você morar no Leblon, num apartamento de três quartos, a Selva ainda é, ainda dá pra você chegar lá. Um apartamento mais pra cima, são maiores e tal, você já paga aluguel de cinco mil, com condomínio mais alto, de mil e tal...

O corretor argumenta que a proximidade da Cruzada São Sebastião hoje tem menos importância para quem procura apartamentos com perfil de dois a três quartos no Selva de Pedra do que há tempos atrás. Ele acredita, inclusive, haver

³² Para compra, por exemplo, um imóvel de três quartos na Avenida Delfim Moreira pode partir do valor mínimo de R\$3 milhões.

interação entre os jovens da Cruzada e daquele condomínio, além de ver benefícios na existência de uma “comunidade” no Leblon.

O pessoal mesmo... (...) Se imaginava que o pessoal que roubava ali dentro era a pivetada da Cruzada, entendeu? Que vinha ali, via a mãe com telefone, via com bolsa e tal, e levava. Então isso aí, acho que com certeza... mas hoje em dia não tem. A própria garotada adolescente da Selva de Pedra, eles são amigos dos garotos da... Assim de... jogam bola, ficam ali na Selva na praça mesmo jogando bola e tal. Acho que se entrosaram legal, acho que não tem mais aquela... Tem, lógico, tem gente que discrimina ainda a Cruzada. Você vê, eles pintaram... já não tem aquela coisa feia, de cinza, pesado, né? É tudo colorido e tal, uma coisa legal... até acho que é bom, tem muita doméstica que mora ali, trabalha aqui. Quer dizer, você não tem que pagar vale-transporte, né? Pessoal que trabalha na mão de obra, mesmo que trabalham nas lojas aqui... Eu, por exemplo, se precisar de um portador eu vou tentar encontrar ali, por perto. Acho que hoje não chega a atrapalhar o Leblon, pelo contrário, acho que é legal ter uma comunidade aí...

Para Fernando, o Leblon nunca sofrerá desvalorização imobiliária. Isso porque sua expansão, ao contrário de outros bairros na Zona Sul como Copacabana, se deu de maneira ordenada. O gabarito para construção de prédios residenciais, localizados nas ruas transversais às vias principais, é de no máximo 25 metros. As construções têm, no máximo, seis andares, o que pode incluir ou não mais um andar destinado às coberturas.

Diferentes de prédios antigos, os novos têm, segundo o corretor, um ou dois apartamentos por andar, com áreas de mais de 150 metros quadrados e geralmente mais de três quartos. Identificou-se no depoimento de Fernando a ideia de que a ordem na construção imobiliária no bairro estava associada não somente à exigência do gabarito máximo de 25 metros por parte da Prefeitura da cidade, ou seja, de construção de prédios baixos, ou à proibição para construção de prédios comerciais nas ruas transversais. A percepção da ordem no desenvolvimento do bairro também se atrelou à ideia de que as novas construções priorizam apartamentos maiores e luxuosos.

(...) Por isso que eu acho que o Leblon nunca vai desvalorizar, sempre vai ser o Leblon, entendeu? Porque o desenvolvimento aqui foi muito mais ordenado que qualquer outro bairro. Só tem um prédio que é cabeça de porco aqui, que chamam, que são 40 apartamentos por andar. Que é o edifício Três irmãos, vulgo “Maracanã”. É na Humberto de Campos, 827. Ele pega um quarteirão todo, ele vai da Bartolomeu Mitre a João Lira. Na verdade são 47 apartamentos por andar (...), são três andares iguais. (...) Ele tem 170 apartamentos mais ou menos. Esse prédio deve ter no mínimo 50 anos. Esse prédio tá super valorizado também. Tem uma procura... Porque você morar no Leblon, entendeu? E melhorou muito, ali

ocê também era assaltado dentro do apartamento, tinha muita prostituição, tinha muito tráfico, e foram mudando. Botaram síndico mais rigoroso... Ele tem de conjugado a dois quartos, que inclusive é muito bom. O mais barato lá tá na base de R\$1.000,00 o aluguel. E tem uma procura enorme. Depende do estado, né? Se tiver um apartamento muito quebrado, é R\$800,00.

O relato de Fernando sobre o edifício Três Irmãos, conhecido como “Maracanã” por uma óbvia associação com um dos maiores estádios de futebol do mundo, nos lembra o trabalho de Gilberto Velho sobre o edifício Estrela, localizado em Copacabana na década de 1960. Em “Utopia urbana”, Velho (1973) esmiúça o que nos diz pelas entrelinhas o corretor sobre o Leblon, colocando que o mapa da cidade

(...) passa a ser um mapa social onde as pessoas se definem pelo lugar em que moram. O apartamento ou a casa, propriamente, não tem tanta importância (...) Seu status como moradora de Copacabana passa a ter um peso especial. Ela está vivendo lado a lado do que ela considera uma elite, é ‘vizinha’, de uma certa forma vê-se como parte dessa elite. (1973:80-81)

À época em que Gilberto Velho morou e pesquisou o Estrela, Copacabana ainda ostentava certo status. Hoje, o Leblon dá a seus residentes semelhante marca positiva, inclusive àqueles que moram no “Maracanã” que, para o corretor, apresenta o mesmo estilo de habitação que a Cruzada³³.

(...) É único desse estilo no Leblon, tirando a Cruzada, é o único prédio. O único que tem. Por isso que eu te digo, o Leblon é diferente... Copacabana você tem 27 desses, 50 prédios desses. Você pega a Barata Ribeiro ali, no início ali você tem vários prédios com 20, 30 apartamentos por andar. Ipanema mesmo tem prédios assim. No Leblon foi mais ordenadinho, as construções mais novas são mais luxuosas. E acho que nunca vai perder. O Leblon não vai deixar de ser Leblon como Copacabana deixou de ser Copacabana. Deixar de ser um bairro chique.

Se compararmos o depoimento do corretor de imóveis à análise do material jornalístico identificaremos uma convergência. Ambos apontam para a mesma direção: a percepção sobre a separação bairro-conjunto é mais amena. Do ponto de vista mercantil, se principalmente nos anos de 1970 os imóveis na Selva de Pedra eram menos valorizados em detrimento de outros apartamentos de perfil

³³ Para efeito de comparação, na entrevista com o presidente da associação de moradores da Cruzada, realizada em fevereiro de 2010, descobrimos que o aluguel de uma quitinete de 18 metros quadrados no conjunto habitacional custa cerca de R\$400 a R\$500, tendo em vista que o salário mínimo em 2010 é de R\$510,00. Já o aluguel de um apartamento de sala, cozinha, banheiro e dois quartos, bem conservado, gira em torno de R\$800.

semelhante no bairro, sobretudo devido à vizinhança com a Cruzada, hoje têm valor renovado. O aquecimento no mercado imobiliário residencial no bairro, bem como a construção do Shopping Leblon naquela área teriam emprestado maior valor econômico e também valor simbólico menos negativo à região. Os efeitos de mercado parecem ter atuado no sentido de mitigar certos efeitos do lugar (BOURDIEU, 1997).

Certos grupos sociais têm sido atraídos para a região, provavelmente mais interessados em partilhar de um certo *Leblon way of life* - o que não deixa também de ser um efeito de mercado, vide as telenovelas brasileiras ³⁴-, e menos preocupados com a proximidade espacial com a Cruzada.

Ao mesmo tempo, como notamos, o que não é menos relevante, o conjunto habitacional vem sendo mencionado com menor frequência nas páginas policiais dos jornais cariocas contemporâneos. Uma hipótese é a de que, no contexto do Rio de Janeiro, em que a preocupação com a criminalidade violenta, com a segurança pública e com a proximidade espacial com a pobreza é extremamente presente no dia a dia dos cidadãos, orientando a procura e a escolha das classes média e alta por seu local de moradia, o desvio da centralidade dos holofotes jornalísticos sobre a Cruzada a partir dos anos de 1990 tenha também favorecido esse processo.

Nota-se, assim, que a análise do material de imprensa ajuda a entender a percepção do corretor imobiliário e vice-versa. É provável que haja aqui uma lógica de interesses na mudança de humor da imprensa a respeito da Cruzada São Sebastião nos últimos 40 anos, que parece reger também a percepção do corretor sobre o mercado imobiliário. O que nos permite supor que ambos, imprensa e mercado, se utilizam de um artifício de neutralização da Cruzada no sentido de suspender temporariamente seus “efeitos” sobre o mercado de compra, venda e aluguel de imóveis. A mudança de perfil desses dois intérpretes nos sugere ser menos um fator que diga respeito a uma lógica de inclusão, de fundo democrático, que algo referido a interesses comerciais.

³⁴ As telenovelas do escritor Manoel Carlos, exibidas pela Rede Globo de Televisão. Quase todas são ambientadas no Leblon e enaltecem um estilo de vida do bairro que seria semelhante à ideia que se tem sobre a moradia no subúrbio: um bairro onde se pode andar a pé, onde se conhece os vizinhos e há solidariedade entre eles. Cf. “Laços de família” (2000-2001); “Mulheres apaixonadas” (2003); “Páginas da Vida” (2006-2007); “Viver a Vida” (2009-2010).

3.6.

Intérpretes: faces da mesma moeda

Antigo morador, presidente da associação de moradores da Cruzada, imprensa e corretor imobiliário. Todos, e não somente os dois últimos, nos indicam ter interesses próprios a serem defendidos a respeito da relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon. E, para a defesa, afastam o estigma territorial sobre a Cruzada e amenizam a fronteira existente na relação entre ela e o bairro. Todos apontam, desse modo, para a existência de segregação na direção do conjunto habitacional.

José, antigo morador que deixou a Cruzada ainda na juventude, está empenhado em dissociar o seu passado, quando o conjunto e o Leblon teriam uma boa relação, da imagem da “favela” que sugere ter se transformado a Cruzada. O presidente da Amorabase, por seu turno, revelou esforçar-se pela “conscientização” do morador com vistas ao convencimento de todos, de “dentro” e de “fora”, de que a Cruzada é um condomínio e não uma favela. Os dois trazem à tona importantes efeitos do estigma territorial: a estimulação de práticas de distinção social e um provável processo de distanciamento social interno. “É como se a sua própria valorização dependesse necessariamente da desvalorização do bairro e dos vizinhos.” (WACQUANT, 2001:144)

Nas palavras de Elias & Scotson, “no fundo sempre se trata do fato de que um grupo exclui outro das chances de poder e de status, conseguindo monopolizar essas chances” (ELIAS & SCOTSON, 2000:208-209). Em “Os estabelecidos e os outsiders” os autores relatam a pesquisa desenvolvida em uma pequena comunidade inglesa nos anos de 1950 e 1960, de nome fictício Winston Parva, que englobava três bairros, dois antigos e um novo. Neles, notaram uma clara divisão entre os moradores baseada no critério da antiguidade de ocupação dos bairros. Praticamente mais nada os diferenciava entre si, além do fato de dois dos bairros abrigarem famílias coabitando há pelo menos duas gerações e o outro composto por recém-chegados. Do que os moradores dos bairros antigos se valiam para rejeitarem os novos era, principalmente, o passado em comum, os laços de amizade, o conhecimento prévio entre famílias. Os primeiros eram estabelecidos, os segundos, *outsiders*, alvo de exclusão e de estigmatização. Os *outsiders*, de certo modo, constituíam uma espécie de ameaça ao estilo de vida

comum, às regras e normas fixadas pelos estabelecidos. Não as seguiam, eram diferentes; “anômicos”.

A relação estabelecidos-*outsiders*, segundo os autores, constitui uma prática quase que de necessidade humana. *Outsiders*, sob alguns aspectos, “são iguais no mundo inteiro. A pobreza – o baixo padrão de vida – é um deles. Mas existem outros, não menos significativos em termos humanos. (...) São vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros.” (ELIAS & SCOTSON, 2000:27-28)

Estar fora e distanciar-se *dessa* Cruzada *outsider*, como, em certo sentido, nos sugere o discurso de José é reafirmar-se como estabelecido. No entanto, *essa* Cruzada, representada por ele como lugar homogêneo, composto por um tipo de morador específico, de comportamento desviante, se apresenta diferente a partir do depoimento do presidente da associação de moradores. A Cruzada parece ter também, internamente, seus próprios estabelecidos e *outsiders*³⁵ que, na perspectiva do presidente da Amorabase seriam seus vizinhos que têm a “favela dentro de si”. Esses constituem, portanto, uma espécie de ameaça ao plano de transformar o conjunto habitacional em condomínio residencial. E demandam “conscientização”.

Imprensa e mercado imobiliário, a partir do depoimento do corretor, demonstram afinidades. Uma possível lógica de interesses pode ter contribuído para a atenuação do “efeito Cruzada” sobre o tom das matérias nos últimos 40 anos e também sobre o valor dos bens imobiliários na região que circundam o conjunto. Como vimos, a percepção da imprensa ajuda compreender a percepção do corretor imobiliário sobre o mercado e vice-versa.

Aparece a ideia de um passado mais carregado de fronteiras, acusações e um presente mais ameno. De reduto da criminalidade na Zona Sul nos anos de 1970 a

³⁵ Segundo Simões, a diferenciação social interna à Cruzada envolve também critérios semelhantes aos adotados pelos habitantes de Winston Parva. Estabelecidos também seriam, nesse sentido, aqueles “nascidos e criados”, que vieram da Praia do Pinto e/ ou seus descendentes; já *outsiders* seriam os moradores “novos”, que não partilham desta mesma origem. O bloco seis, por exemplo, é considerado como “bloco dos nordestinos”. Nele, há apartamentos preparados para acomodar até oito pessoas em beliches. “Sob os pilotis desse bloco é grande o número de bicicletas e triciclos estacionados durante a noite. Pela manhã, estão todos circulando pela Zona Sul, pois esses moradores adventícios da Cruzada São Sebastião têm como ofício mais marcante a venda ambulante de panos de chão, mas também de flanelas, panos de prato e vassouras. Muitos trabalham com vínculos empregatícios em bares, restaurantes e lanchonetes da região, em horários diferenciados, o que os permite instituir o sistema de rodízio necessário para o uso adequado e a partilha do espaço de um apartamento com os moradores provenientes de uma mesma cidade nordestina.” (SIMÕES, 2008:242).

lugar quase que desprezado do ponto de vista da notícia, a Cruzada sofreu uma espécie de neutralização pela imprensa. Processo que parece ter se dado de maneira semelhante no mercado imobiliário, como verificamos a partir da entrevista com o corretor Fernando. Antes pouco valorizados devido à proximidade com a Cruzada, os prédios do entorno têm sido mais procurados por aqueles que desejam partilhar do status positivo de morar no Leblon.

Apesar de se situarem em lugares de fala diferenciados, antigo morador e presidente da Amorabase, de um lado; imprensa e corretor imobiliário, de outro, representam duas faces da mesma moeda: os esforços de neutralização do lugar e também da relação entre a Cruzada e o Leblon por tais intérpretes revelam ser estratégias de resistência ao efeito negativo que emanaria do conjunto. A seguir o capítulo 3, referente aos resultados da pesquisa na Escola Santos Anjos.